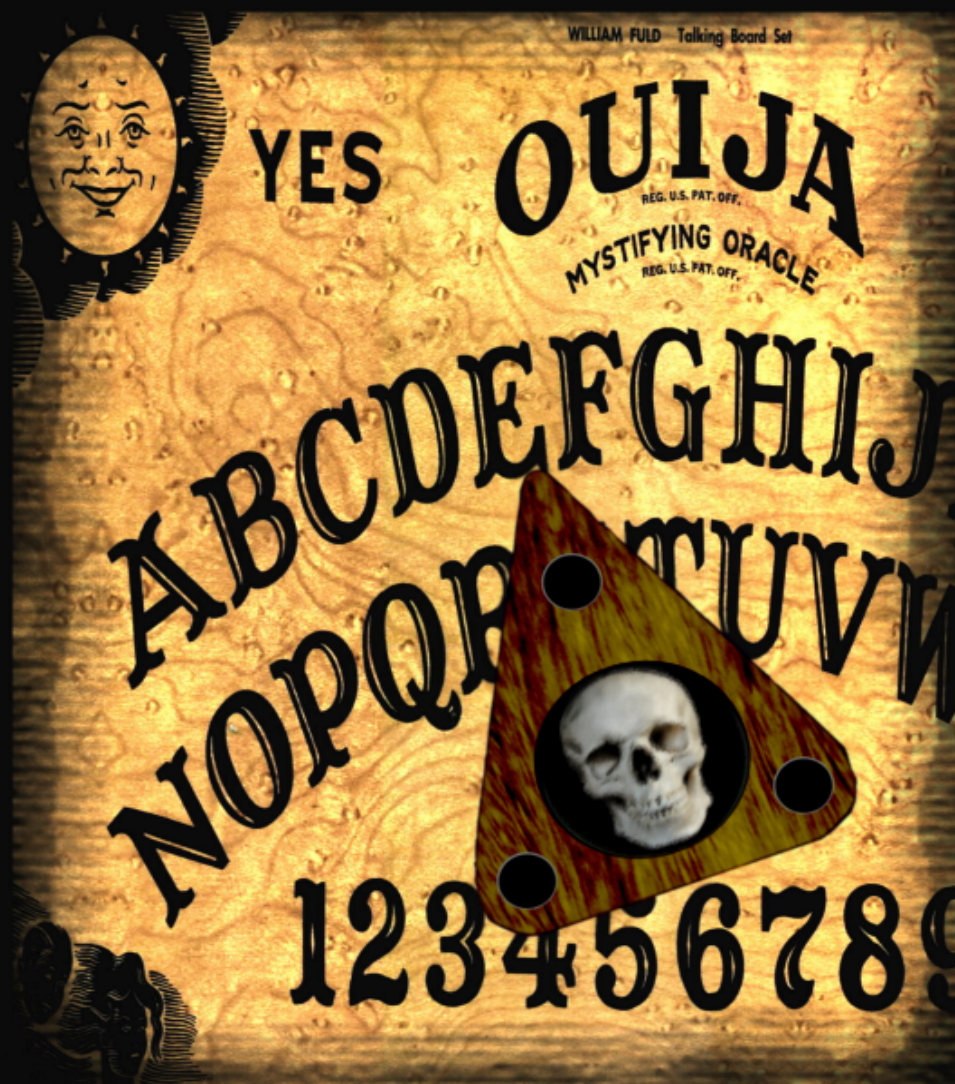


Vampiros Astrais



A tábua Ouija funciona? Os mortos se comunicam? Existem riscos? Anjos? Demônios?

Vampiros Astrais

1ª Edição

Sensitiva Editora Ltda.
Rua Artista Puzzi, 200 – Centro
Itápolis – CEP 14900-000
Telefone: (016) 3262-2313
São Paulo – Brasil
editora_sensitiva@terra.com.br

Índices para catálogo sistemático:
Literatura brasileira: Romance: Sobrenatural

Sensitiva Editora, 2013. Itápolis. São Paulo.
Prizmic, Marcelo

ISBN: 978-85-66073-01-0

***Versão Digital Gratuita.
Proibida a reprodução ou
alteração de seu conteúdo.***

Todos os direitos reservados

Dedicatória

A todos meus amigos e familiares que, vencidos pela minha insistência, foram obrigados a ajudar e me aturar durante o processo de amadurecimento desta obra, meus sinceros agradecimentos.

Faço questão de criar esta dedicatória especial, pois tenho consciência do quanto difícil me torno quando escrevo, perturbando a todos que me cercam com perguntas loucas, exigindo opiniões precisas, de algo que só eu consigo imaginar e, claro, ocasionando desentendimentos. E o pior: só aceitando críticas que me interessam.

Por ser grande a lista, friso apenas o nome de uma pessoa que sem dúvida foi a que mais sofreu: minha esposa, Denise Regina Brugnolle.

Considerações Iniciais

Apesar do conhecimento público e indiscutível da existência dos fenômenos tratados nesta obra, hoje estudados amplamente pela ciência moderna e por diversos segmentos religiosos e, além de fazer várias menções médicas referente a quadros clínicos mentais, deixo claro que não tive em nenhum momento a intenção de transmitir ao leitor ensinamentos científicos ou religiosos. O livro apresentado não é nenhum “guia fenomênico”. Utilizo a essência e tomo a liberdade de modificá-la ao meu bel-prazer atendendo aos interesses da narrativa.

Em “Vampiros Astrais”, a fantasia e a realidade se misturam, fatos verídicos e delírios pessoais compõem o quadro criado no intuito único de entreter.

Deixo ao leitor a tarefa de separá-los.

O autor

Itápolis, 22 de fevereiro de 2010

Explicações necessárias

O presente romance não contém um narrador propriamente dito. O desenrolar dos fatos são contados pelos próprios personagens. Portanto, com exceção de Thomas, todo o restante da obra foi redigido na primeira pessoa.

Esta técnica tem por finalidade intensificar a experiência emocional do leitor, ou seja, permite transmitir na plenitude as emoções vivenciadas por cada personagem e, obviamente, o leitor recebe e sente com a mesma intensidade o que se passa, além de uma fácil visualização do perfil psicológico de cada integrante.

Cabe ao leitor ao iniciar a leitura de um novo bloco de texto, observar o nome existente no canto superior esquerdo, pois este será o narrador do momento.

Índice

Evelin.....	7
Bruxaria Moderna.....	23
Oráculo.....	36
Demônios.....	43
Perispírito.....	56
Evocação.....	61
Socorro.....	68
Dúvidas.....	78
Noivado.....	86
Técnicas de relaxamento.....	91
Técnica para carga dos Chakras.....	93

Evelin

Sabrina

Devido a um aumento significativo de serviço, estava cansada e impaciente.

Aguardava em pé nas escadarias da clínica a chegada de uma nova interna com hora marcada.

Um táxi parou.

Estranhei obviamente a presença de um táxi. Normalmente algum familiar próximo as novas pacientes se encarregavam em trazê-las para internação.

Aproxime-me do veículo, olhei para o banco de trás e, uma moça de aparente dezenove anos me observava com afinco. Não recordava a idade no registro, mas tive a impressão que a paciente fosse mais jovem.

Seu condutor, por ser um velho amigo conhecido da cidade, cumprimentou-me efusivamente. Fez em seguida curtas perguntas de ordem familiar que respondi com prazer.

A moça estava em silêncio até o momento. Notei que aguardava educadamente o término da conversa com o taxista para manifestar-se. Extremamente tranquila, apenas me observava atentamente, como se tentasse decifrar algum mistério qualquer.

Notando uma pequena pausa na conversa perguntou:

– Pelo seu uniforme, você é uma das funcionárias da clínica... pausou pensativa.

– Eu a estava aguardando. Onde estão suas malas? – interrompi.

– Não tenho malas. Vim apenas para uma visita rápida. A Sra. Áurea me aguarda para uma entrevista.

– Ahh!! Me desculpe. Pensei tratar-se de uma outra pessoa. – falei sem graça.

A moça na qual conversava ameaçou dizer algo, mas quando um veículo encostou logo atrás, saltando de seu interior uma jovem aos gritos deixou de fazê-lo.

– Me perdoem, mas preciso receber nossa amiga. Ok? Vá até o balcão de recepção que outra funcionária se encarregará de explicar-lhe onde encontrar a diretora. – Disse-lhe apontando para a entrada principal.

Caminhei em direção da jovem que gritava impropérios.

Após algumas palavras dosadas de certa energia, fiz com que controlasse seus ânimos.

Súbito, suas feições mudaram.

Senti um arrepio percorrer meu corpo, como se da menina partisse alguma corrente de ar gélida, tocando-me sutilmente.

Senti-me realmente mal. Precisei apoiar-me no carro na qual a jovem viera para não cair.

O senhor que a trouxera, de aproximadamente quarenta anos mostrou-se preocupado:

– Tudo bem? Quer se sentar no banco do carro? Quer que eu a ajude a entrar no prédio?

– Não. Não será necessário. Já me sinto melhor. Deve ser esse calor insuportável...

– Concordo. Ainda a soma de alterar-se por causa de minha filha. Aceite minhas desculpas por favor.

– Não se preocupe. Estou bem. Estou habituada com o meu serviço. Ela estará em boas mãos. Acredite.

Sentindo melhoras, desencostei-me do carro e me aproximei de sua filha novamente.

Como já havia lido sua ficha, chamei-a pelo nome:

– Evelin. Por favor, me acompanhe! – falei pausadamente.

Apesar da péssima expressão em seu rosto, seguiu-me sem pestanejar.

Deixei pai e filha na recepção, ele cuidando dos tramites da internação, enquanto ela permanecia sentada com suas respectivas malas ao lado.

Tentei contatar pelo telefone meu namorado, Rafael, que apesar de trabalhar em um setor administrativo, fazia no momento a vez de um funcionário faltante.

Não o encontrei.

Acabei solicitando a ajuda de uma outra enfermeira, que acabou por desempenhar a função do encaminhamento.

Mara, a recepcionista, informou-me que a diretora havia solicitado minha presença em seu escritório. Como não havia mais o que fazer ali, caminhei até sua sala atendendo ao chamado.

Bati na porta de sua sala, ouvindo de seu interior um suave “entre”.

Fui convidada a me sentar.

Atendendo ao pedido de Áurea, postei-me ao lado da moça que anteriormente confundi com a nova paciente.

A diretora encarregou-se das apresentações iniciais:

– Sabrina. Está e Samantha nossa nova contratada. É uma enfermeira recém formada. Eu gostaria que você a auxiliasse neste início. Ela atuará junto a área dos pacientes psiquiátricos. Você poderia apresentar a clínica a ela?

– Sim. Claro. Será um prazer. Gostaria que fosse agora? – perguntei.

– Seria bom. Assim na segunda-feira, no seu primeiro dia de trabalho, Samantha já não se sentirá tão perdida. Mas fiquem a vontade, deixo a critério de vocês.

Uma vez liberadas da conversa com Áurea, saímos da sala em passos rápidos dirigindo-nos a ala psiquiátrica.

Senti a necessidade de pedir desculpas:

– Me perdoe Samantha, por tê-la confundido com um outra pessoa na sua chegada...

– Com quem me confundiu? - perguntou curiosa.

– Por favor, não se ofenda! Mas pensei ser uma nova paciente. Coincidiu de você chegar no mesmo horário que estava programado para ela.

Como ela não disse nada, continuei:

– Você me pareceu muito jovem... - falei receosa. - Daí a confusão.

– Quantos anos você achou que eu tinha?

– Dezenove... por aí... - respondi constrangida.

– Obrigada pelo elogio! Tenho vinte e cinco primaveras.

- falou alegremente com um radiante sorriso estampado no rosto.

Samantha era jovem, agradável, de seus olhos faiscavam inteligência e desejo de aprender.

Por morar em outra cidade, optou por mudar-se provisoriamente para a clínica, enquanto encontrava algum quarto de aluguel de seu agrado.

Perguntou-me se poderia vir no fim de semana para arrumar suas coisas, considerava ideal fazer a mudança fora dos dias úteis. Respondi de pronto que não haveria problema algum, ao contrário, apoiava suas intenções. Conhecia os procedimentos da clínica nos finais de semana, assim como as ideias da direção.

Depois de quase meia-hora andando, praticamente todas as principais seções já haviam sido apresentadas conforme o sugerido por Áurea.

Andamos por mais algum tempo e, cansadas, resolvemos parar na cozinha para beber algo.

Terminando de esvaziar um copo com água, fui interrompida por uma outra funcionária que trouxera um novo recado da diretora. Como resultado, me despedi de Samantha deixando-a na cozinha preparando um café para si mesma.

Sai em direção ao escritório de Áurea que novamente solicitou minha presença. Já próxima a sua sala, me senti mal novamente.

Rafael

Voltei apressado para a clínica, o horário de expediente já estava chegando ao fim.

Uma das poucas coisas que Sabrina não suportava eram atrasos de qualquer espécie. Sempre falava: “Se existem horários são para serem cumpridos, caso contrário não existiriam”.

Sabrina mudara muito desde o primeiro momento que pousei meus olhos sobre ela: Sua arrogância, mau humor, cinismo, desapareceu quase que por completo. Tornou-se com o tempo uma pessoa dócil, sensata e alegre.

– Acho que ela mudou até demais. As vezes, beirava até mesmo a “chatice da perfeição”. Mas tudo bem. - pensava.

Apesar de estarmos passando por uma excelente fase, havia um problema que muito me incomodava: morávamos longe da clínica, dependendo de ônibus e não raro de caronas para nos locomover.

Procurando resolver essa questão, decidi utilizar minhas economias e fazer uma surpresa para Sabrina: Comprei um carro, que apesar de não ser novo, sem dúvida atenderia as necessidades do momento.

– Espero que ela goste da surpresa. – murmurei.

Devido ao atraso, entrei no estacionamento em velocidade acima da devida, derrapando um pouco o carro nos pedriscos quando acionei os freios.

Sabrina veio em minha direção e para minha surpresa estava carrancuda.

– O que aconteceu? Tudo bem? – perguntei preocupado.

– Como tudo bem? O que significa isso? – perguntou comigo ainda dentro do veículo.

– Isso o que? – inquiri sem nada entender.

Sabrina tomou uma certa distância, mediu o veículo de ponta a ponta, viu seus “enfeites” e finalmente perguntou:

– De quem é esse carro?

Escolhi o meu melhor sorriso neste momento. Respondi a seguir com plena satisfação:

– É nosso. Era uma surpresa que eu estava preparando fazia tempo. Hoje deu certo. Gostou?

– O que você tem na cabeça? Não falamos que íamos primeiro atrás de um apartamento? – falou ríspida.

Acho que fiquei branco.

Estava completamente desorientado e profundamente chateado com o que acabara de ouvir.

Só consegui dizer:

– E daí?

– E daí? Você parece um moleque de quinze anos que roubou o carro do pai para fazer arruaça. Ou você pensa que eu não vi a “cantada de pneu” que deu quando parou? O que foi? Ao invés de amadurecer você está andando para trás? Precisei de você aqui na clínica. Por acaso você abandonou o serviço para ir atrás “disso”? – falou sem tomar fôlego.

Neste momento perdi as estribeiras com o pouco caso na sua última frase se referindo ao carro.

– “Isso” era um “presente” – eu disse carregando a voz.
– E quem é que está regredindo aqui? Voltando para trás? Vejo claramente a antiga Sabrina que apareceu nesta clínica anos atras: Metida e grossa. – finalizei saindo do carro batendo a porta atrás de mim.

Entrei no prédio sem olhar para trás.

Passei pela recepção “pisando pesado”. Entreguei algumas encomendas para algumas funcionárias, inclusive à diretora. Pedi desculpas a última, devida a demora de retorno, aproveitando o ensejo para também agradecer sua autorização de sair para a compra do veículo.

– Deu certo então? Que bom. Depois vou vê-lo com calma. Estou curiosa.

Perante a simpatia da diretora, sorri.

Lembrei neste instante do velho diretor*, seu marido perverso. – Sem dúvida já fora tarde. – pensei maldoso, acredito eu, influenciado pela discussão com Sabrina.

O horário de expediente havia se encerrado, peguei meus pertences pessoais e, mais calmo, retornei ao carro.

Sabrina estava me aguardando praticamente no mesmo lugar que a deixei, apenas se encostou em um poste de luz e ali permaneceu de braços cruzados.

Eu estava pronto para ir embora sem ela, mas resolvi fazer um convite para deixá-la em casa.

Tinha certeza que não aceitaria.

Para minha surpresa aceitou o convite de carona sem pestanejar. Deixei-a de frente a sua casa minutos depois sem trocarmos uma palavra.

* diretor – Antigo diretor, morto devida a uma investida de Sabrina em seus pesadelos.
Livro 1 – “Qual o seu medo”.

Sabrina

Fiquei parada em frente ao carro comprado por Rafael sem ação.

Não entendi o que dera em mim.

Quando retornou, aceitei seu convite de carona mecanicamente.

Voltamos para casa sem trocarmos uma palavra, pensando somente nas possíveis causas da minha mudança de temperamento.

Uma vez em meu quarto, cansada, joguei-me na cama.

Tentava entender minha reação: Realmente eu considerava a hora para essa nova aquisição errada, pois em nossas últimas conversas, chegamos ao consenso de adquirirmos um pequeno financiamento, no qual somada as nossas atuais economias, poderíamos realizar o sonho de termos o nosso apartamento.

Meditei um pouco mais a fundo e em voz alta no que acabei de pensar:

– Apartamento, carro, nossas economias. Será que Rafael teve a audácia de pegar parte de nossas economias para comprar “aquilo”?

Meu sangue ferveu novamente ao imaginar tal possibilidade.

Peguei o telefone, disquei e aguardei o atendimento:

– Alô?! - atendeu Rafael levemente ofegante.

– Me fala uma coisa... – iniciei.

– Sabrina?

– Você teve a capacidade de gastar parte de nossas economias para comprar aquele carro? – perguntei a “queima-roupa”, sem mesmo confirmar sua pergunta de quem era.

– Você ligou aqui pra isso? Mas respondendo sua pergunta: Não. O dinheiro era uma economia particular

minha. Me dá licença? Eu estava no chuveiro e preciso terminar meu banho. Depois nos falamos. – respondeu friamente desligando o telefone.

Desligou abruptamente, acabando definitivamente com o meu controle.

Liguei outras e outras e outras vezes, mas só ouvia o som irritante de um aparelho ocupado.

Rafael com certeza o retirou do gancho.

Entrei um choro convulsivo.

Evelin

Uma vez deixada a sós, comecei a falar sozinha:

– Cansei de dizer que eu não tenho problema algum. Mas parece que estou cercada por um bando de idiotas e incompetentes. O que eles entendem da vida? Será que preciso de tratamento só porque as vezes estou brava? Ou triste? Não tenho o direito de estar? Que inferno! Será que tenho que ficar “calminha” mesmo sabendo que vão me internar? Meu Deus, que absurdo!.

Lembrando da última conversa com o psiquiatra, exclamei:

– Com certeza ele deveria rasgar o seu diploma, isso sim. Idiota! – conclui.

Raivosa, não havia notado estar em um quarto limpo, amplo e arejado. Surpresa, caminhei até a janela abrindo suas brancas cortinas.

Olhando sobre o parapeito, contemplei um vasto e belo jardim, recebia neste instante sua devida manutenção:

A poda de suas arvores, arbustos, e uma série de plantas ornamentais tinha sido feita de pouco. Um rapaz corria com um enorme cesto de um lado para o outro, juntando e recolhendo várias folhas. Percebi que sua pressa aparente, baseava-se no medo dos montes formados por

ser trabalho serem espalhados pela ação do vento. Ri quando isso de fato aconteceu.

Ao centro, uma bela fonte de água de estilo neoclássico, que, apesar de desligada para limpeza, alegrava e enfeitava o cenário.

– Pelo menos me colocaram em um quarto individual – pensei.

Afetada com a visão do jardim, acalmei-me.

Passei a ajeitar minhas roupas em gavetões próprios localizados embaixo da cama.

Acredito que a raiva sentida, assim como a viagem de vinda, havia me deixado cansada. Não queria saber e nem pensar em nada. Por falta de opções, resolvi aguardar o “andar da carruagem”: deitei na cama com as mesmas roupas que cheguei e adormeci.

Acordei com o barulho da porta se abrindo.

Uma enfermeira de grandes proporções entrou suavemente, estampando em seu rosto um farto sorriso.

– Oi menina. Tudo bem?

– Sim. Tudo bem! – respondi mecanicamente.

Observando a bandeja em sua mãos questionei:

– Qual o seu nome e o que tem aí?

– Sou Ivete. Te trouxe um remédio para manter seus nervos no lugar. Acho que é um dos que você já vinha tomando...

– Ahh tá. Tudo bem. – peguei da palma de sua mão o comprimido e, ajudado por um pouco de água, o engoli.

A enfermeira olhava-me estranhamente. Sentindo-me um pouco incomodada, resolvi perguntar a causa:

– Nada! Desculpe... – pensou um pouco. – Sabe, eu te vi hoje quando chegou. Estava gritando desde quando saiu do carro. E agora, observando você, seu jeito, me parece uma menina tão “doce”. Porque estava tão brava?

– Não sei. Não me lembro. Tem certeza que era eu mesma? Mas obrigada pelo elogio. Você também é muito simpática. – respondi alegremente.

– Obrigada. Você precisa de alguma coisa? – perguntou a enfermeira prestativa.

– Não. Acho que vou trocar de roupa e descansar um pouco mais. A viagem até aqui me deixou exausta.

– Tudo bem. Vou deixá-la sossegada. Se você se sentir sozinha e quiser conversar, por favor não se acanhe. Pode me chamar quando quiser.

– Prometo que teremos boas conversas ainda.

A enfermeira respondeu meu sorriso com outro, despediu-se amigavelmente e saiu.

Depois de vestir o uniforme da clínica, espalhei-me novamente na cama. Em pouco tempo estava dormindo profundamente:

Sonhei com um amplo salão iluminado por fortes luzes.

Através de um magnífico terraço, pude ver a chegada de meus amigos espirituais, estes, reluzentes, confundiam-se com o céu purpúreo, brilhante e divino.

Todos meus amigos estavam comigo naquele instante. Até “Zira”, minha fada preferida veio cumprimentar-me, cruzando o majestoso salão com seu voar delicado.

Uma musica melodiosa invadiu o ar e, uma vez convidada para dançar, aceitei de pronto.

Iniciei uma extasiante dança.

Dancei por longo tempo trocando periodicamente de par.

De momento, o companheiro que me levava atualmente sussurrou algo em meu ouvido, mas não pude entender. Ia pedir para repetir o que dissera, mas mesmo antes de verbalizar o pedido acordei.

– Querem falar comigo! – exclamei solitária numa alta hora da madrugada saltando da cama.

Levantei meu colchão, puxei por debaixo dele minha tábua* ajeitando-a ao meu lado.

Concentrei-me prendendo os pensamentos nos meus amigos espirituais.

Pousei a ponta do dedo indicador sobre a base da seta* e, em poucos segundos, a senti vibrar.

– Amigos espirituais... vocês estão aqui comigo neste momento? – perguntei “ao ar”.

A seta moveu-se para a inscrição “sim”.

– Quem bom! Achei que haviam me abandonado...

Não pronunciei tudo que pensava. Fui interrompida com um novo movimento da seta que, apontando letra á letra, soletrou a palavra “nunca”.

Sorri gostosamente. Sentia-me bem sabendo que meus anjos da guarda estavam presentes.

– Foram vocês que apareceram no meu sonho agora de pouco?

O soletrar arrastou-se novamente para a palavra “sim”.

*Tábua – Ou Tabuleiro Ouija – Instrumento usado para comunicações espirituais. Muitos o consideram como um oráculo e outros o confundem com alguma espécie de jogo. A ideia é simplesmente colocar a disposição dos espíritos uma ferramenta de comunicação, na qual através de movimentos de um ponteiro ou seta, os espíritos soletram o que querem informar. No Brasil esta prática popularizou-se com o nome de “Brincadeira do Copo”, composto por pedaços de cartolina contendo números e letras, assim como um copo de vidro substituindo a seta ou ponteiro.

*Seta – O mesmo que “ponteiro”. É um dos elementos que compõem o Tabuleiro Ouija. Normalmente de forma triangular com um furo largo ao centro, serve para sinalizar / visualizar as letras e números ditados pelos espíritos comunicantes.

– Obrigado por este presente. Vocês são belos como os antigos deuses gregos.

“Obrigado” “felizes”

– Sei que vocês já me ajudaram muito...

“confia” “nós”.

– Sim. Claro que confio. Mas...

“namorado” “dinheiro” “amigas”.

– Não precisam me lembrar disso. Eu sei que devo muito, muito a vocês. Na verdade eu só queria saber se essa minha doença vai demorar muito para desaparecer...

“breve”.

– Obrigada. Posso fazer alguma coisa por vocês?

“não” “durma” “descanse”.

– Vou fazer isso. Obrigada de novo...

Devolvi a tábua e a seta para debaixo do colchão entregando-me novamente ao sono.

Não lembro de ter voltado a sonhar.



Ivete

Levei novamente os remédios de Evelin, encontrei-a sentada na cama escolhendo um livro entre vários que tirou de dentro de uma mochila.

– O que está fazendo? – perguntei curiosa.

– Eu trouxe alguns romances para ler. Como terminei um agora de pouco, estou escolhendo o próximo.

– Te falaram que tem uma biblioteca aqui na clínica?

– Sim, falaram. Assim que eu acabar estes dois últimos, prometo que irei procurar por ela. O que trouxe para mim? – perguntou tranquila.

– O de sempre acompanhado de um presente.

– Presente? - perguntou com os olhos cintilantes.

– Sim. Mas primeiro seu remédio. - ordenei com bom humor.

Evelin pegou delicadamente o remédio que eu trouxe e o engoliu. Depois de tê-lo feito, cobrou o presente.

– Aqui está! – disse esticando uma de minhas mãos contendo dois bombons de chocolate, um branco e outro negro.

– Que delícia. Adoro doces. Obrigada!

– Eu também. Pensa que fiquei assim como? Amo chocolate. - respondi.

Rimos gostosamente.

Conversamos sobre bobagens por algum tempo, mas como eu tinha afazeres e horário a cumprir, me despedi saindo em direção aos outros quartos.

Terminei o serviço daquele corredor.

Ajeitando meu carrinho próximo a uma rampa de acesso para outros pisos, vi Sabrina aproximar-se apressada. Aproveitando a oportunidade, parei-a por alguns instantes:

– Sabrina. Você sabe alguma coisa sobre a paciente do 112?

– Quem é a do 112?

– Aquela menina que chegou na sexta passada. A Evelin...

– Ahh. Sim. O que aconteceu?

– Nada. E é por isso mesmo que fiquei pensativa. A menina é um amor, super delicada e educada. Lógico que ela está com algum problema... – pausei momentaneamente. – mas sabe? Sei que tive pouco contato, mas ela parece estar até mesmo melhor que eu. – sorri gostosamente. – O que ela tem afinal?

Sabrina ficou um certo tempo em silêncio, como se procurasse algo em algum lugar de sua mente para transmitir.

– O ideal seria você conversar com o médico dela. Mas em sua ficha consta que ela é portadora de transtorno bipolar grave...

– O que é isso? – interrompi.

– O transtorno bipolar é uma doença caracterizada por mudanças de humor...

– Mudança de humor? Todos nós não mudamos nosso humor? – questionei confusa.

– Sim, mas as vítimas desta doença mudam de humor além do normal.. como posso te explicar... – deu uma nova pausa. – Apresentam manias, depressões, mudanças constantes e exageradas de humor: Alegria, tristeza, raiva, amor, euforia... Mudanças rápidas, exageradas, curtas ou duradouras...

– Hummmmm! Será que é por isso ela estava gritado quando chegou?

– Pode ser. Mas cuidado. Você só falou um pouquinho com ela, e ela estava “um amor”. Certo? Na próxima vez ela pode querer te morder... – sorriu.

– Credo Sabrina, “num” brinca com uma coisa dessas. Isso é jeito de falar? Coitada... Gostei tanto dela...

– Me desculpe Ivete, tenho que concluir os medicamentos do horário. ok?

– Sim! Sim! Eu também ainda não acabei. Depois a gente se fala. Obrigada.

– Tchau!

Fiquei parada por alguns instantes, acompanhando com o olhar Sabrina se distanciar.

Pensava em Evelin e no que havia ouvido.

Bruxaria Moderna

Sabrina

Acabei de me servir na pista de alimentos quando percebi a presença de Samantha em uma mesa afastada. Aproxime-me e perguntei se poderia fazer-lhe companhia.

– Claro! Sente-se... é um prazer. – respondeu amistosamente.

– Como está sendo sua primeira semana aqui na clínica? – perguntei calmamente.

– Bastante serviço, mas não reclamo... Gosto do que faço.

– Isso é o mais importante. Fazer as coisas obrigadas nunca deram certo. Ontem mesmo escutei a reclamação de uma mãe dizendo que seu filho fez engenharia e que não para em serviço nenhum. Especulando um pouco mais confessou sua culpa. Me disse que seu filho se formou engenheiro por imposição dos pais. Daí já sabe o resultado: Um engenheiro sem amor pelo que faz.

– Sem dúvida. – Exclamou. – Eu também fiz enfermagem por seguir os passos de minha mãe, mas a diferença é que eu realmente gosto...

– Sua mãe ainda trabalha na área?

– Sim. Está no hospital das clínicas.

– Ué? E não tentou uma vaga por lá? Tentar ficar próxima a ela?

– Deus me livre! Sem dúvida eu a amo, mas trabalhar com ela garanto-lhe que não daria certo. Ela é extremamente metódica. Com certeza me asfixiaria.

Sorri gostosamente com o comentado e com o seu jeito.

Eu não gostava de almoçar de óculos e resolvi neste instante guardá-lo em minha bolsa. Para tanto, movi meu braço de forma alongada, deixando a mostra parte de um pequeno livro guardado dentro do bolso do meu jaleco. Sempre que possível, principalmente nas horas vagas, avançava em sua leitura.

– O que está lendo? Posso ver? – perguntou curiosa.

Samantha me surpreendeu com sua observação. Era sem dúvida uma mulher que não deixava passar nada.

– Claro! – concordei tirando o livro do bolso entregando-lhe em seguida.

Ela o pegou cuidadosamente, virou, observou sua contra capa, murmurou com um leve sorriso estampado no rosto: “Explorando o extrafísico”.

Olhou para dentro de meus olhos e perguntou:

– Está lendo por acidente ou gosta do assunto?

Fiquei sem ação inicialmente, mas controlando-me respondi:

– Sim, me interesso por esse assunto. Acho interessante a capacidade de certas pessoas saírem de seu corpo. Você acredita nesta possibilidade?

– Claro que sim! – respondeu contente. – Eu amo esse papo de ocultismo, espíritos, viagem astral e outras coisas do gênero. Tanto que desde a minha infância estudo o assunto...

– E acha possível a alma de uma pessoa sair do corpo e ir para outros lugares?

– Claro. – respondeu de imediato. – Mas a alma da pessoa ou consciência não sai do corpo como dizem. Na verdade ela apenas se afasta, mas fica ligada ao corpo por um cordão fluídico...

– Cordão fluídico? – interrompi. – O que é isso?

– Olha. Tem vários nomes: Alguns o chamam de “fio de prata”, outros de “Cordão Umbilical”, “Cordão de Prata”, outros ainda de Perispírito. Eu particularmente prefiro o “fio de prata”, soa menos científico. – Sorriu marotamente.

– E para que serve esse “fio de Prata”?

– É ele que nos une ao corpo. - respondeu com um “ar” de intelectual.

Como a resposta foi sucinta demais, perguntei:

– Como assim? Une o que ao corpo?

Samantha pensou um pouco respondendo em seguida:

– Veja! O corpo é matéria pesada não é? Densa?

– Sim, claro.

– O espírito, a nossa consciência, é o que?

– Energia? Inteligência? – falei simplesmente o que veio a mente.

– Exatamente. Os dois. Desta forma são elementos distintos. São como “a água e o óleo”, não se misturam. Portanto, precisam de um elo de ligação que os una. O “fio de prata” é justamente este elo, ele liga o espírito à matéria.

Como eu não disse nada, apenas prestava atenção, continuou:

– Ele não se desprende até o dia de nossa morte. Quando fazemos a Viagem Astral, nosso espírito apenas se afasta, mas continua ligado ao corpo. Entendeu?

Fiquei estarelecida com a resposta. Não imaginava que Samantha tivesse esse tipo de conhecimento.

Já ouvi falar, li a respeito do tal “fio de prata”, mas como até hoje nunca o vi, achei que era pura invencionice.

Arrisquei uma nova pergunta, “camuflando” uma dúvida particular:

– Sim. Eu entendi. Mas me fala uma coisa: Eu li que tem pessoas que não veem o “fio de prata”. É possível estar na condição digamos... de espírito livre e não vê-lo?

– Sim, pois tudo na natureza “vibra” em uma infinita quantidade de “tons”, como cores ou notas musicais. Se você não estiver “sintonizada” naquela frequência, você simplesmente não vê o que ali está. Ou seja, você só vê o que está na mesma faixa que a sua. Sem dizer que normalmente, a sua atenção precisaria estar voltada para o item. Sem a atenção devida você também não o percebe.

– Você conhece mesmo o assunto hein?!?

– Tai outra coisa que eu adoro. Vou até te fazer uma confissão: Gosto disso até mais que a própria enfermagem.
– sorriu descontraída

– Não vou dizer que entendi perfeitamente sua explicação. Na verdade um pouco mais que dez por cento. – brinquei. – Mas te garanto que adorei falar com você sobre o assunto. Tenho várias dúvidas. Será que poderíamos em outra hora conversar com mais tempo? Infelizmente agora tenho que ir, tenho compromissos. Pode ser? – perguntei descansando os talheres dentro do prato.

– Sim. Quando quiser falar me procure. Você sabe onde “moro”. – brincou.

– Obrigada. Depois nos falamos...

Saí em seguida, já atrasada com minhas obrigações.

Estávamos perto do final de expediente.

Dirigi-me até a portaria e encontrei Rafael sentado em uma das cadeiras da recepção me aguardando.

– Vamos embora? – perguntou sem expressão.

– Não. Não vou para casa agora. Tenho outros compromissos...

Rafael levantou-se e perguntou:

– Até quando ficaremos assim? Posso afirmar que essa distância entre nós não é em nada construtiva.

– Você bateu o telefone na minha cara e anda me ignorando...

– Não. – falou enérgico. – Eu apenas não sei se devo me aproximar. – forçou a voz. – Você anda grossa e extremamente irritadiça. Voltou a ser o antigo “pavio curto” que foi no passado.

Pensei um pouco no que ouvi.

Apesar dessas mudanças de temperamento não serem uma constante, ou seja, mudava esporadicamente de humor, sentia-me na obrigação de aceitar a crítica de Rafael. Desejava neste momento apenas entender a causa.

– Não dei motivo algum para causar o nosso último desentendimento. Comprei o carro com o meu dinheiro na melhor das intenções. Quanto a sua acusação: Não sou moleque e você sabe muito bem disso...

– Você tem razão. Parece que eu tive uma recaída.... - respondi pensativa.

– Vença um pouco o seu orgulho para que possamos resolver essa questão...

– Orgulho?

Senti neste instante que teria uma nova explosão: Orgulhosa? Eu? Contive-me.

Olhei para Rafael e este permanecera sério, nada respondeu. Continuou aguardando meu novo pronunciamento que não tardou.

– Me desculpe... – falei com voz sumida.

– Não se desculpe. Notei que não é só comigo. Você está diferente com todos. Aconteceu alguma coisa?

– Não sei te dizer. Mas vou tentar me controlar. Prometo.

Rafael puxou-me pelo braço e, com maestria, colocou seu corpo ao meu dando-me um caloroso beijo.

– Até que enfim! Não estava mais aguentando ver a cara de “poucos amigos” de vocês dois. – Falou Mara, a recepcionista, que apenas escutava atrás do balcão a conversa, até então sem se intrometer.

Sorri envergonhada.

Peguei Rafael pelo braço levando-o comigo até as escadarias da clínica e, a sós, falei sobre Samantha.

– Tenho novidades para te contar...

– Diga! – exclamou curioso.

– Sabe aquela nova enfermeira? A Samantha?

– Sim. O que tem ela?

Contei rapidamente nossa última conversa no refeitório, e expondo meus interesses sobre o conhecimento de Samantha, fiz um convite:

– Eu não queria ir embora agora. Gostaria de jantar por aqui e depois ir ao seu alojamento. Você gostaria de vir junto?

– Claro que sim. Sabe que o assunto me fascina...

– Te fascina agora, né? – sorri.

– Claro. Não é fácil para um novato nestas questões “engolir” tudo o que aconteceu com a gente*. Irei sim.

– Então vamos jantar. – finalizei.

Caminhamos abraçados até o refeitório.

Procuramos por Samantha, mas não a encontramos. Chegamos a conclusão que aquele horário não era de seu costume.

* com a gente – Livro 1 “Qual o seu medo?”

Após nos servir, sentamos e passamos a lembrar um pouco do passado da instituição, inclusive a péssima comida servida na época. Rimos com satisfação lembrando das doideiras da cozinheira Pipa*.

Devido ao frio cortante, caminhamos em passos largos até uma parte do alojamento no qual Samantha encontrava-se temporariamente instalada.

Batemos na porta.

Após alguns segundos esta se abriu.

Assim que Samantha viu Rafael, pediu um minuto voltando de roupão. Pediu desculpas, afinal não esperava visitas. Como resposta teve as nossas por não avisá-la.

Entramos.

Dentro do ambiente inicial, que foi transformado em uma sala de visitas, girei o olhar ao redor estranhando de imediato a decoração. Escondendo minhas verdadeiras impressões, elogiei:

– Nossa! Arrumou tudo tão rápido. Nem parece que está aqui só a uma semana. Pensei encontrar ainda caixas fechadas no chão.

– Gostou? – perguntou feliz girando seu corpo de braços abertos apresentando o lugar.

– Sim. O que é isso? – perguntei apontando para um espécie de aramado preso ao teto, encoberto por fios coloridos contendo saquinhos e penas penduradas.

– Ahh! Isso é para espantar sonhos ruins. Nestes saquinhos tem alecrim.

– E funciona? – inqueriu Rafael.

– Não sei. Não tenho sonho ruins. Comprei porque achei bonito, nada mais que isso. Não é bonito?

* Pipa – Cozinheira substituída. Livro 1 “Qual o seu medo?”

Sorrimos com a resposta despreocupada e um tanto quanto infantil de Samantha.

Obviamente concordamos naquele momento com seu gosto.

O quarto e a saleta de Samantha continha tudo quando era tipo de enfeites desta espécie, assim como incensos, velas coloridas, pirâmides. Até mesmo um pequeno altar repleto de pequenas cumbucas cheias de ervas secas pode ser observado.

– O que você faz aqui? – perguntei apoiando uma das mãos na beirada do altar.

– Faço alguns encantamentos. Um dia com tempo, e claro se quiser, te explico.

Não arrisquei novo questionamento sobre o altar, senti que ela não queria falar sobre o assunto.

Tenho que admitir que me decepcionei com todo o material encontrado. Esperava encontrar em Samantha algo racional, científico, não algo extremamente místico.

– Mas é sobre isso que você quer falar. Não é? – perguntou colocando em minhas mãos uma imagem impressa de um corpo humano contendo círculos coloridos em diversos pontos de seu corpo.

– O que é isso? – perguntou Rafael postando-se ao meu lado.

– São os Chakras*, nossos pontos de comunicação energético, nossos centros de força. São responsáveis por nosso equilíbrio, tanto físico quanto espiritual.

– E?

– E para ser possível a execução da Viagem astral, vocês precisam aprender a controlá-los.

– Então qualquer um posso fazer? – perguntei.

– Sim, aliás, todos nos fazemos diariamente em nosso sono comum, apenas não lembramos. O segredo de se

fazer com consciência está no fato de enganar nossa subconsciente, fazendo-o crer que dormimos de verdade.

– Nosso sono comum. – murmurei. – Você está dizendo que nossos sonhos são viagens?

– Sim e não. Como posso te explicar... – pausou procurando palavras. – Tudo que não é físico consideramos astral, inclusive os sonhos. Uma vez semi desligado de nosso corpo, podemos estar em qualquer lugar. O sonho na realidade, é o que chamamos de “astral mental”, ambiente de nosso controle. Passando por ele, indo mais longe, saímos do controle mental e caímos no “astral espiritual”, ou seja, no verdadeiro plano espiritual.

– O sonho nós controlamos? Eu não controlo meu sonho... – falou Rafael com uma senhora interrogação estampada em seu rosto.

– Deixa eu ver se entendi. – interrompi. – Você está dizendo que nossa consciência, nosso espírito, quando dormimos se afasta do nosso corpo. Ok! E no primeiro plano que você chama de “mental” temos um controle do ambiente, afinal é nosso, e se nos afastarmos mais, entramos no espiritual, é isso?

– Sim. Com exceção do “afastamento” no sentido distância. Não tem nada haver com isso. É somente uma questão de sintonia e interesse.

– Acho que entendi. Mas como podemos “viajar”? O que os Chakras tem a ver com isso? – perguntou Rafael.

– É simples e complicado...

– Antes você falou “sim e não”, agora “simples e complicado”... gostei. – murmurei.

Samantha Sorriu.

– Sim, pois a técnica é simples, mas a execução não. Exige controle extremo.

* Chakras – O assunto foi explano no Livro 1 – “Qual o seu medo?”

– Agora entendi. – falei aumentando a atenção.

– Quando dormimos, nosso corpo entra em fase de relaxamento, repouso, no intuito de repor nossas energias, e é exatamente neste ponto que os Chakras “entram”: São responsáveis pela recepção de energias, tanto telúricas quanto cósmicas que perdemos durante o dia.

– Está dizendo que os Chakras são como receptores de energia?

– Exato. Mas não só recebem, também emanam.

– Tudo bem. Mas uma coisa de cada vez: Energias cósmicas eu posso deduzir pelo nome o que seja, mas o que são energias telúricas? Desconheço a palavra. – perguntei curiosa.

– São energias que vem do planeta, da terra. Olhem o desenho: – falou tirando de minhas mãos a imagem e a esticando sobre uma mesa*.

– Estes são os sete principais Chakras que temos. Este Chakra – apontando para um localizado próximo a zona erógena da figura. – é o Chakra da “base”, responsável pela absorção das energias telúricas. Os demais, acima, recebem as suas energias transformadas dos de baixo, passo á passo. Por exemplo: As energias entram e vão subindo e se transformando durante o processo do sono: Do Chakra “base”, vai para o de cima, deste para o superior, e assim sucessivamente. Essa transformação é automática, natural, vital para a recuperação de nosso organismo. Uma vez concluído o processo sua consciência se desprende.

–E a energia cósmica? Onde “entra”?

*mesa – Veja no “Extras” do fim do livro, explanações detalhadas de Samantha sobre as técnica de relaxamento e carregamento de Chakras

– Ela é recebida pelo Chakra que recebeu o nome de “coronário”. Está localizado no alto da cabeça. Por ser um receptor de energias cósmicas, divinas, não deve ser manipulado.

– Entendi. Podemos tentar fazê-lo? – pediu Rafael.

– Sim, claro, mas aviso que não é fácil. Para funcionar devemos chegar próximo ao estado de sono sem dormir. Esta é a grande dificuldade.

Samantha perdeu mais um tempo conosco, ensinando também algumas técnicas de relaxamento*. Como não tínhamos pressa de nada, e em respeito a boa vontade de nossa nova instrutora, tanto eu quanto Rafael tentamos uma “saída”.

Deitamos no centro da sala, cada um com um pequeno travesseiro sob nossas cabeças aguardando instruções.

Samantha guiou-nos em voz baixa e ritmada passo á passo no experimento.

Em poucos minutos ouvi um som agudo, crescente, e sem mais nem menos eu estava em pé ao lado de meu corpo.

– Funciona. – pensei.

Samantha continuava passando instruções para ambos, com certeza não percebeu minha rápida saída.

Como era somente uma experiência, resolvi voltar ao meu corpo, e com um pouco de concentração, retornei sem dificuldade.

Abrindo os olhos, Samantha de pronto informou:

– Não se preocupe querida. É difícil conseguir, são várias e várias tentativas até atingir o objetivo.

*relaxamento – Veja no “Extras” no fim do livro, explicações detalhadas de Samantha sobre as técnica de relaxamento e carregamento de Chakras

Sorri neste instante e, prometendo novas tentativas, levantei do chão.

– Eu ouvi um som longo, quase como um apito agudo. O que era? - perguntei curiosa.

– Nossa! Você conseguiu ouvir isso? Estranho... - pausou. - mas tudo bem. O som que ouviu é o som de carga dos Chakras ou deles girando.

– É o som deles carregando. - repeti apenas para acompanhar o raciocínio.

– Sim. Quando eles estão carregando e a pessoa está perto do sono, ou seja, quase do “lado de lá”, pode ouvir o barulho. Alguns ouvem, outros não. Daí acho que você chegou perto. – sorriu.

– E o Rafael? Será que conseguiu? – perguntei observando seu rosto suave.

– Não sei. Já pedi para ele retornar várias vezes e não aconteceu nada...

De súbito, ouvimos um ronco leve sair de seus lábios. Rafael virou-se de lado encolhendo seu corpo.

Demos uma sonora gargalhada.

Sem dúvida Rafael dormiu durante o experimento.

O acordei com um beijo leve em seus lábios.

– Acho que eu dormi, né? Você conseguiu Sabrina? – perguntou ainda sonolento e confuso.

– É... Você conseguiu sim, pegar no sono. Mas respondendo sua pergunta: Não consegui não, tentarei outras vezes.

Virando-me para Samantha perguntei:

– Só uma curiosidade... você já saiu alguma vez?

– Não. Não tenho controle. Apesar de rir do Rafael faço igual a ele. Eu durmo quando estou na fase de relaxamento. Mas não faz mal. Eu uso esta técnica ao meu favor quando

não consigo dormir. Sempre “apago” fazendo ela. Quem sabe um dia eu consigo? – sorriu.

Samantha ajustou um pouco a leve bagunça da sala e perguntou:

– E vocês dois? Escutei pelos corredores que vão ficar noivos. É verdade?

– Sim. Estamos planejando para dentro de um mês nosso noivado. Desde já esteja convidada. Adoraríamos tê-la conosco...

– Obrigada. Sinto-me lisonjeada. – sorriu agradecendo o convite.

A conversa estendeu-se por mais meia hora, até que em certo momento, alertados pelo sono, nos despedimos.

Já dentro do carro, Rafael me perguntou:

– Sabrina. Você conseguiu fazer a viagem astral?

– Sim. Foi facilímo usando a técnica da Samantha. Não exigiu concentração alguma, digo, nada extremado. Apenas saí.

– E porque mentiu para ela?

– Não achei que seria uma boa hora para me abrir. Gosto dela, mas é algo muito pessoal para sair falando aos “quatro ventos”. Entende?

Rafael concordou com minha cautela.

Deixou-me em casa despedindo-se com um longo beijo e partiu.

Oráculo

Rafael

Apesar de eu estar trabalhando no setor administrativo, as vezes substituí algum funcionário faltante ou de licença.

Acredito que a maioria das pessoas não aceitariam fazer algo que não foram previamente contratadas, mas, no meu caso, por já ter passado por outras funções na clínica, fazia estas raras substituições com prazer.

Era bom visitar quarto a quarto as pacientes e revê-las pessoalmente, e não apenas lembrar friamente das suas existências por meros números contidos em fichas.

Numa destas oportunidades, eu estava trocando as roupas de cama de Íris, uma paciente da ala psiquiátrica vítima de esquizofrenia, quando ela acordou de seu estado e agarrou-me pelo uniforme.

Como já era de se esperar, me assustei.

– Fala para Sabrina.... Eles não vão deixá-la. Ela é forte doadora de energia vital... – falou de forma ritmada, voltando em seguida ao “seu mundo”.

Ajeite-a na cama enquanto pensava no ouvido.

Terminei meu serviços naquela ala, e na primeira oportunidade procurei por Sabrina. Encontrei-a com Samantha conversando animadamente em um dos corredores principais.

– Sabrina. Poderia me dar um minuto?

– Sim. O que aconteceu Rafael?

Puxei-a pelo braço pedindo licença.

Distante o suficiente para ter a privacidade devida, informei a Sabrina o que eu havia ouvido de Íris.

Neste instante Samantha aproximou-se e falou:

– Energia vital? Porque se afastaram? Achei que confiavam em mim... – pausou aborrecida. – Posso saber do que se trata?

– Como soube do que falávamos? – perguntei confuso.

– Leio lábios. – respondeu ríspida, silenciando momentaneamente a seguir. Seu semblante mudou, ficou sério. Depois concluiu tristonha: – Me desculpem. Agora percebo que não deveria ter me intrometido. – virou-se bruscamente distanciando-se de nós a passos pesados.

Eu e Sabrina nos entreolhamos sem saber o que dizer ou fazer.

De ímpeto, corri alcançando Samantha segurando-a sutilmente pelo braço.

– Calma Samantha. Espera.

Sabrina viera logo atrás de mim.

Tentei explicar da melhor maneira que pude:

– Não é nada de especial. Uma paciente usou essa expressão, só isso. Achei que Sabrina, por andar investigando estes assuntos deveria saber. Concorde que a frase: *“Eles não a deixarão, ela é forte doadora de energia vital”*, vindo de uma paciente em estado catatônico não é algo para se pronunciar em voz alta?

– Claro que não, a menos que se queira ocupar alguma cama vaga aqui na clínica...

Sorri concordando.

– Vocês sabem muito bem que vou além do convencional, e é justamente esse o outro motivo para falarem comigo a respeito. Além de mim, vocês tem mais alguém para se abrir sobre esses assuntos?

Sabrina, já próxima, falou seriamente:

– Samantha, você tem razão. Pedimos desculpas a você, mas gostaríamos que entendesse que temos motivos fortes para agir assim.

– Quais? – perguntou curiosa.

Sabrina deu um suspiro.

– Antes disso, o que você sabe sobre energia vital? – perguntei interrompendo a conversa das duas, na tentativa de ganhar um pouco mais de tempo, para que Sabrina pudesse refletir sobre o que iria falar.

Samantha olhou para nós com ar desconfiado, mas resolveu responder primeiro minha pergunta conforme o pedido:

– Energia vital. Como o próprio nome diz, é a energia que nos mantém vivos, energia da vida... – silenciou.

– Continue. – pediu Sabrina.

– É como a eletricidade para uma bateria, sendo a bateria nossos corpos. Para alguém falar sobre esse tipo de energia, tem que ter certo conhecimento de área. Quem é a paciente?

– A Iris. Uma paciente da sua área. É vítima de esquizofrenia catatônica... – respondi.

– Eu sei quem é. – falou enquanto pensava. – Lembra do que falamos sobre viagem astral? Parece que a sua amiga Íris vive mais do “lado de lá”, do que do “lado de cá”. Ela esta me “cheirando” a um Oráculo*.

– Oráculo? Como assim? – perguntei confuso.

– É. Ela vive mais no mundo astral do que no físico. Acredito que ela saiba de muitas coisas que acontecem dentro desta clínica, na espiritualidade. Ela pode ser uma “porta aberta” de comunicação. Posso falar com ela? Quero dizer, de uma forma não muito convencional? – concluiu Samantha.

* Oráculo – São pessoas que fazem premonições ou oferecem inspirações influenciadas por uma estreita ligação com os deuses. Os oráculos estão presentes em praticamente todas as culturas antigas.

– Acho que sim. Mas duvido que consiga. Ela vive no “mundo da lua”. - falei sem pensar.

Samantha olhou-me estranhamente, como se repreendesse minhas ultimas palavras. Gelei quando seus olhos penetraram nos meus.

Tendo o consentimento de Sabrina, seguimos os três para o quarto da paciente.

Sabrina chamou Íris diversas vezes pelo nome.

Não surtindo o efeito desejado, Samantha aproximou-se colocando sua mão na testa da paciente, fechando seus próprios olhos em seguida.

Íris moveu sua cabeça, fixou seu olhar em Sabrina dando uma nova mensagem:

– Eles não a deixarão. Ela é forte doadora de energia vital...

– Ela quem? – perguntou Sabrina.

– Menina. Tabuleiro. Vai morrer.

Falou com dificuldade, voltando a seguir ao seu estado habitual.

– Pode acordá-la novamente? – pediu Sabrina no intuito de dar continuidade a investigação.

– Não. Não farei mais nada sem um estudo detalhado da paciente. - respondeu Samantha sucinta.

– Como fez para acordá-la? - perguntou Sabrina curiosa.

– Somente energizei seu Chakra “frontal”.

– O que fazemos? – arrisquei.

– Você é que tem acesso diário a todos os quartos da clínica e liberdade para mexer um pouco nas coisas. Procure pelo tal “tabuleiro”. – falou Samantha.

– Pode ser... mas... que tabuleiro é esse? - perguntei, sentindo que a coisa iria complicar.

–Eu desconfio o que seja. Mas algo me diz que você saberá quando o encontrar. Fora isso: Vocês dois? Vão me contar a história inteira ou vou ficar eternamente com a sensação que estou sendo enganada? Vão confiar em mim ou não?

Samantha

Domingo.

Toda vez neste dia, arrependia-me de ter decidido morar na clínica.

Somente as plantonistas, as mesmas pacientes, sem ter o que fazer, sem carro para ir até a cidade. Sem dúvida para mim era o pior dia da semana.

Suspirei entre estes pensamentos dirigindo-me ao refeitório.

– Vamos ver se pelo menos o almoço de hoje me anima. – pensei alto.

Próximo ao local, ouvi o barulho de panelas e bandejas vindo ao chão.

Não sei se por querer ajudar prevendo algum problema, ou por curiosidade, corri em direção ao som.

Encontrei três pacientes da ala psiquiátrica se debatendo, entre elas, Evelin.

No chão, agarradas uma a outras, feito gatos, puxavam seus cabelos entre murros e pontapés.

No mesmo tempo que cheguei ao recinto, outras duas plantonistas também apareceram por outro corredor de acesso. Não pensando, todas nós e mais duas cozinheiras nos colocamos entre elas na esperança de apartar a briga.

Evelin parecia um bicho. Quatro pessoas foram necessárias para imobilizá-la, só conseguindo atingir o resultado esperado depois de muito esforço: duas

prendendo-a pelos braços e mais duas segurando suas pernas. Mesmo assim soltou-se mais de uma vez.

Soubemos que ela fora causadora da confusão, encrencara com outra paciente por ter recebido um simples esbarrão acidental. Nos disseram que não houve tempo nem para desculpas, ela simplesmente partira para a agressão física.

Levada a enfermaria e sendo medicada, acalmou-se.

Para quem reclamava da monotonia do domingo, só posso dizer que saí suada da situação. Somente após um banho retornei ao refeitório para finalmente almoçar.

Agora eu estava realmente com fome.

Sabrina

Estava no escritório atualizando minhas fichas de atendimento a pacientes, quando Ivete entrou de brusco me assustando.

– Nossa Ivete. Isso são modos? Me assustou...

– “Discurpa” Sabrina. É que eu queria te pedir um favor...

– Fale. Em que posso ajudar?

– Lembra da Evelin? Daquela mocinha que te falei que é um amor?

– Lembro. O que foi? Ela finalmente te mordeu?

– Para Sabrina. Que coisa! Claro que não. Mas como eu te disse, eu gosto muito dela e ando muito preocupada. – pausou.

Ivete informou que não notou nenhuma brusca em seu humor. Permanecia a mesma “doce menina” de sempre, mas seu sono estava por demais agitado.

Disse que numa das noites em que levou seu medicamento noturno, encontrou-a no chão debatendo-se. Uma vez ajudada por ela, acordou sem nenhuma lembrança

do ocorrido. Fora isso, o médico encarregado de seu caso fora alertado de seu estado: Seu organismo estava em plena definhção sem causa aparente.

Percebi neste momento que Ivete não estava a par do incidente de Evelin no refeitório no domingo passado. Todos sabiam que ela gostava da menina e com certeza não seria eu a lhe contar.

Analisando o que foi dito, senti um frio percorrer a espinha: Associei o sono agitado da paciente com as desavenças do passado causada por Samira*.

As lembranças não foram boas.

– Obrigada Ivete. No meu turno, a noite, farei uma visita a paciente. Vou ver o que descubro. Te mantenho informada. Está bem?

– Obrigada Sabrina. Deus lhe pague! – retirou-se em seguida.

Sorri com a simplicidade de Ivete.

Apesar de seu jeito, eu gostava muito dela.

* Samira – Falecida interna portadora da capacidade da “viagem Astral”. Utilizava essa faculdade de forma errônea, comprometendo seriamente o psiquismo dos pacientes da clínica levando vários a morte. – Livro 1 “Qual o seu medo?”.

Demônios

Sabrina

Entreí no quarto de Evelin já de madrugada. Neste horário poderia observá-la melhor durante seu sono profundo.

Apesar dela estar conforme eu desejava, não via nada de alarmante em seu sono, ao contrário, seus olhos moviam-se rapidamente indicando que sonhava e seu rosto continha expressões suaves, próprio de um sonho bom.

Não pude deixar de reparar seu estado físico: Comparando-a com o momento em que eu a conheci na chegada á clínica, com agora, pude notar um forte abatimento.

Sai e conversei novamente com Ivete na cozinha, que coincidentemente também estava de plantão. Informada que Evelin dormia e se alimentava até mais do que o normal, fiquei preocupada.

Resolvi investigar mais a fundo.

Após terminar minha ronda, caminhei até o alojamento das plantonistas. Como tinha gente, procurei por um lugar solitário qualquer.

Acabei parando na despensa.

Como ali já havia uma cadeira esquecida, tranquei a porta e sentei-me.

Lembrando dos ensinamentos de Samantha, fechei os olhos iniciando uma sequencia de relaxamento e carregamento dos Chakras.

Não precisou mais de trinta segundos para estar fora de meu corpo. Acredito que as saídas constantes já haviam habitado de alguma forma meu corpo ou minha consciência. Bastava querer e o fenômeno ocorria.

Pensei em Evelin, e uma vez criado o elo mental, entrei em seus sonhos:

O ambiente era em uma palavra divino.

Havia cerca de trinta seres estranhos volitando de um lado para o outro. Seus trajes e beleza lembravam os deuses gregos do Olimpo. Passavam o tempo todo entretidos com alguma brincadeira.

Vi uma figura masculina que lembrou-me Baco, o deus do vinho da mitologia referida, e este, conversava animadamente com outras figuras reluzentes enquanto esvaziava uma grande taça contendo uma bebida qualquer.

Procurei Evelin e a localizei brincando com algumas entidades femininas, correndo e rindo por campos verdejantes.

O sol de brilho purpúreo, sem calor, clareava a todos os seres deste belo cenário.

Notei uma certa infantilidade na composição do sonho, até mesmo unicórnios alados, fadas e gnomos podiam ser percebidos.

– Será que a mudança de humor causada por seu transtorno bipolar atingia também a área dos sonhos? – perguntei para mim mesma.

Por não saber a resposta, assim como não estar disposta a brincar de gangorra, voltei ao meu corpo.

Saí da despensa retornando a cozinha.

Enchendo um copo de água para mim, voltei a conversar com Ivete, passando algumas impressões pessoais sobre a paciente na esperança de acalmá-la.

Thomas

Ligando-me mentalmente a clínica, senti vibrações pesadas vindas de um dos quartos da ala psiquiátrica.

Investigando a origem destas vibrações, deparei-me com uma mulher nova sendo assediada por espíritos de baixíssimo nível moral.

As formas escolhidas no qual se apresentavam eram horrendas. Um dos homens chamou-me a atenção de imediato devida as suas características demoníacas: Era alto, aproximadamente dois metros de altura. Da cintura para baixo nada vestia, mas seu quadril e pernas estavam completamente encobertas por grosso e escuro pelo.

Não havia pernas conforme os critérios humanos, assemelhavam-se a de um animal, tanto, que ao invés de terminarem em pés, cascos volumosos tomavam o lugar.

Na cintura trazia uma espécie de cinturão reluzente, continha uma estrela de cinco pontas incrustada com várias inscrições antigas no seu interior.

Seu tórax nu, mostrava uma composição física titânica.

Além dos braços fortes, um par de asas como as de um morcego agitava-se suavemente, em um calmo e ritmado balançar.

Era sem dúvida o chefe do grupo.

Criara aquela imagem para si, no intuito único de ostentar, dominar e oprimir os demais espíritos.

Procurei por Sabrina encontrando-a na cozinha.

Parei ao seu lado tocando sua fronte. Liguei-me momentaneamente a ela na intenção de ler sua mente ou sua aura*, na tentativa de apurar se Sabrina tinha alguma informação adicional sobre o grupo presente.

Tomei ciência que Sabrina investigava mas nada sabia.

Sentindo minha presença, aproveitei para deixar-lhe uma impressão: “Não é o que parece”.

* Aura - Leitura – Psicometria: Capacidade de ler informações gravadas na aura física ou espiritual de qualquer ser, seja material ou imaterial, seja animado ou inanimado. O fenômeno será tratado no futuro.

Ouvi que alguns pacientes começaram a gritar e, desejoso em observar o que se passava, desliguei-me de Sabrina saindo do local em seguida.

Através das paredes do refeitório, tive uma ampla visão da situação:

Vários espíritos soldados, do grupo demoníaco, desfilavam entre as pacientes, talvez, na intenção de encontrar novas e propícias vítimas.

Devido seus distúrbios, ou distúrbios causados pelos seus dons descontrolados, algumas pacientes eram capazes de perceber ou até mesmo verem essas entidades.

Suas más impressões, tanto visual como energéticas, produziram um considerável alvoroço no ambiente. Enfermeiras e plantonistas resolveram a questão da forma que sabiam, através de cansativas conversas e no último caso medicamentos.

Pensando em alguma forma de ajudar, retirei-me do local. Não havia nada que eu pudesse fazer naquele momento.

Adrian

Entrei pela porta principal.

Não ouvindo ruídos de nenhuma espécie, perguntei:

– Steffani? Onde você está?

– Aqui querido! Na cozinha!

Caminhei em passos largos ao seu encontro, descansei uns pacotes sobre o balcão que separava a copa da cozinha. Aproximei-me colando meu corpo ao seu e finalmente perguntei próximo ao seu ouvido:

– O que está fazendo?

– Temperando esta carne para o domingo. Não esqueceu né? – respondeu-me alegre.

– Claro que não. Veja o que eu trouxe... – disse retirando do bolso uma pequena caixinha.

– São as alianças?

Respondi positivamente.

Retirando da caixa o belíssimo par de alianças com bordas trabalhadas, entreguei-as a minha esposa.

– São realmente lindas. Avisou Rafael que você iria retirar da loja? – perguntou sem tirar os olhos das peças.

– Liguei do serviço avisando. Aproveitei para perguntar sobre seus pais, se conseguirão vir ou não.

– E?

– Sem problemas. Domingo estarão aqui na hora programada.

– Quem bom. Finalmente conheceremos os pais do nosso futuro genro. Estou ansiosa.

– Não se apresse Steffani. Eles estão apenas noivando. Esqueceu?

– Eu sei disso. Mas não seja hipócrita. Você também não esconde sua simpatia pelo garoto.

– Confesso. Sei que Rafael foi uma das peças importantes na recuperação de Sabrina*. Sem dúvida devemos muito a ele. Nossa filha mudou “da água para o vinho” depois que entrou naquela clínica. Chego até mesmo a pensar que os problemas que teve foram úteis para tornar-se o que é hoje. - exclamei pensativo.

– Apesar de ser um pensamento aparentemente ridículo, que nossa filha tivesse que se viciar para tornar-se o que é, concordo com você. E o mais engraçado, ainda não saiu da clínica..

* Sabrina era viciada em drogas e recuperou-se. Foi interna na clinica na qual trabalha hoje. Livro 1 – “Qual o seu medo?”

– Verdade, e espero que não saia nunca. – sorri. – Tem um ótimo salário, trabalha com o futuro marido, vive com um constante brilho nos olhos... Nunca a senti tão feliz em toda a sua vida. – falava enquanto esvaziava as sacolinhas do mercado.

– Você disse “futuro marido”? Ou ouvi errado? – perguntou Steffani olhando-me de soslaio.

– Vocês estão falando de mim ou é impressão minha? – inquiriu Sabrina nos assustando.

– Sabrina! Que susto. Não a ouvimos entrar. – Falou minha esposa guardando as alianças de volta na caixinha. Passou-a em seguida para mim no intuito de esconder. Não tive tempo, ficou em minha mão atrás de minhas costas.

– Sou leve. Não faço muito barulho. Ouvi falarem sobre a clínica. O que era? Alguém ligou? – perguntou mexendo curiosa nas sacolas que eu trouxe.

– Nada de especial. Somente que a muito tempo não a víamos tão feliz. A clínica de certa forma foi a responsável por essas mudanças.

– Sem dúvida. Mas não somente ela. Vocês também são. Sem vocês eu nem mesmo teria sido internada lá... – deu uma pausa e concluiu: – O que estão fazendo?

– Estou temperando a carne para o churrasco de domingo...

– O que é essa caixinha? Perguntou Sabrina tentando pegá-la, interrompendo a explicação de Steffani. Não fui tão rápido em escondê-la como achei que fosse.

Como Sabrina já havia visto a caixinha e era óbvio seu conteúdo, expliquei:

– São as alianças para o noivado.

– Deixa eu ver? – aproximou-se mais tentando tirá-la de minha mão.

– Nem em sonho. Essa surpresa não irei estragar. As receberá no domingo das mãos dos pais de Rafael.

– Então deu certo? Eles vão vir? – perguntou radiante

– Sim. Já está acertado. Ele não falou com você na clínica sobre isso?

– Não. Ele saiu perto das duas horas da tarde e não voltou. Áurea me disse que além de complicações com o serviço, teve também problemas com o carro. Deixou somente um recado na clínica para que eu não o aguardasse. No fim, vim de carona para casa. Mas quanto as alianças? Vou ter que ficar sonhando com elas até domingo?

– Sim... vai... E vai tomar seu banho. Dentro de minutos servirei o jantar. – ordenou Steffani.

– Estou indo.

Sabrina caminhou até a escada, mas antes de subir, olhou para trás e me fez uma pergunta:

– Pai! A mãe te perguntou: “futuro marido? ou ouvi errado?”. Eu também gostaria de ouvir a sua resposta.

– Vai tomar seu banho. Não foi isso que sua mãe mandou fazer? Vai.. some.. – falei em tom de brincadeira. Eu sorria deliciosamente com a situação.

Acompanhando com os olhos o subir nas escadas de Sabrina, pensei no ontem, no hoje e no amanhã. Surpreso com a velocidade do tempo. Com a facilidade dele transformar o momento presente em uma lembrança.

Steffani me abraçou pela cintura e perguntou:

– Você se casaria novamente comigo?

– Não sei. Dizem que persistir no erro é burrice. Não é verdade?

Senti um forte tapa nas costas.

Sabrina

Subi as escadas sem pressa.

Entreí no banheiro e liguei o chuveiro antes de tirar minhas roupas. Fazia sempre desta forma, pois demorava um pouco para que a água quente saísse.

Pronta para entrar debaixo do chuveiro mudei de ideia: Fechei o registro e abri o da banheira. Fazia muito tempo que não tomava um banho relaxante, e a banheira me pareceu ser uma boa opção para aquele momento.

Uma vez cheia até a metade, mergulhei meu corpo na água quente espantando o frio.

Meus pensamentos “voaram” um pouco, pousando ora nos problemas do serviço, ora no churrasco do noivado, nas alianças, e finalmente no belo rosto de Rafael.

Lembrei da briga que tive sobre o carro e envergonhei-me. Pensei que ele merecia um pedido de desculpas mais consistente e decidi fazer algo a respeito durante a festa familiar vindoura.

Envolvida por esses pensamentos leves, cansada com o dia de trabalho, relaxei meu corpo além do natural, sentindo o “balançar” próprio da saída astral.

Tentei me controlar mas já era tarde.

Agora encontrava-me em pé ao lado da banheira completamente nua, mas, tive a impressão, ao menos seca.

Não sei porque fiz isso, mas ao invés de retornar ao corpo, imaginei-me vestida recebendo imediatamente roupas caseiras.

Confusa, tentando ainda entender o “porque” das minhas últimas escolhas, ouvi um sussurro ao longe: “Não é o que parece”.

A frase fez-me lembrar imediatamente de tê-la ouvido na cozinha da clínica e, sabedora que o ouvido tinha ligação

com Evelin, criei sem querer um novo vínculo mental sendo arrastada para seu quarto.

Gelei ao ali chegar.

Não entrei em seu sonho, Evelin estava acordada mas em alguma espécie de transe.

A cena era aterrorizante.

Afastei-me receosa o máximo que pude, passando somente a observar incrédula:

Evelin olhava para o teto do quarto estática, enquanto vários seres horripilantes que estavam a sua volta absorviam suas energias.

Absorver é sem dúvida a palavra correta, mas não utilizavam a boca ou o nariz como normalmente se imagina, fazendo alusão a um aspirador de pó.

Não.

De alguma forma controlavam as energias existentes no corpo de Evelin, e esta, movia-se lentamente ao encontro do demônio, desaparecendo conforme a aproximação.

Eram organizados. Ligavam-se ao corpo de Evelin obedecendo sem dúvida uma ordem de chegada ou hierárquica. Outros próximos, aguardavam sua vez.

Atrás do grupo, um ser hérculeo, de chifres grossos e asas de um morcego observada a cena.

Era a própria imagem do demônio. Era sem dúvida o chefe do grupo. Tive a nítida impressão que comandava a operação, agilizando um ou outro que parecia ficar mais tempo do que devia no corpo da jovem.

O espírito que “fazia a vez” tinha feições animais. Sentia que de si emanava uma raiva jamais sentida.

Senti-me mal novamente neste instante. A sensação foi idêntica quando recebi Evelin na clínica e certa vez caminhando sozinha pelo corredor.

Thomas apareceu ao meu lado.

– Você me trouxe aqui Thomas?

– Sim. Induzi-la a vir através de pensamentos, desde a banheira até sua ligação mental com Evelin. Precisava que visse isso.

Não estranhei. Lembrei que eu havia feito o mesmo com o antigo diretor da clínica*.

– O meu mau estar foi causado por essas entidades? – perguntei a Thomas assimilando as novas informações que surgiam do que eu presenciava.

– Sim. Sua sensibilidade esta aumentando. Sentiu a sua presença e de outros em um processo de empatia*.

Sanada minhas dúvidas voltei a observar a cena:

O rosto da moça tomou levemente as feições do espírito que absorvia suas energias, agitando-se momentaneamente. Uma vez saciado, retirou-se dando lugar a um outro espírito, no qual gargalhava transloucado. Novamente o rosto de Evelin mudara: Desta vez, pude perceber um sorriso vago e cínico em seu rosto.

– Será que a doença de Evelin esta ligada as influências destes monstros? – perguntei para mim mesma em pensamentos, esquecendo que Thomas poderia me dar a resposta.

Abalada com o que presenciava, comentei:

– O que podemos fazer?

– De momento não sei. Voltaremos a nos falar outra hora.

– Vou voltar. – informei balançando a cabeça em agradecimento.

*Clínica – Induzira o antigo diretor a consumir um número de soníferos maior que o necessário. Livro 1 – “Qual o seu medo?”

*Empatia – Capacidade em assimilar sensações de terceiros, vivenciando como sendo seus os pensamentos e sentimentos alheios.

Assim procedendo acordei na banheira.

Quase no mesmo instante meu pai bateu na porta. Disse que o jantar estava servido.

Rafael

Evelin estava fraca e havia se sujado esta noite. Havia a necessidade de trocar integralmente sua roupas de cama.

Sem pressa e ajudado por uma enfermeira, a coloquei deitada sobre uma maca auxiliar.

Retirei a fronha do travesseiro, lençóis, até mesmo o cobertor e, jogando as peças dentro de um enorme cesto, coloquei-o para fora do quarto para levá-lo à lavanderia.

A enfermeira retirou-se, levando Evelin consigo para o devido banho. Pediu para que eu aguardasse seu retorno, afinal, precisaria de minha ajuda para colocar a paciente de volta na sua cama.

Concordei com um gesto.

Verifiquei neste instante que o colchão também estava úmido, forçando a troca do mesmo. Sem pestanejar, peguei-o do jeito que pude arrastando-o até o corredor.

Ouvi o som de algo batendo contra o chão.

Retornando ao quarto, tentei descobrir o que havia gerado o som ouvido.

Não foi necessário procurar muito: Encontrei um pequeno objeto de forma triangular contendo três pezinhos e um orifício ao centro.

Ainda virando o pequeno objeto de um lado para o outro, percebi que sobre o estrado havia um pedaço de madeira, nas dimensões equivalente a uma folha de sulfite. Seus desenhos, letras e números, combinavam com a decoração do pequeno objeto triangular ainda em mãos.

– Será que este é o tabuleiro no qual Iris se referiu? – perguntei em voz alta sem esperar resposta.

Peguei as duas peças de madeira e, no corredor, escondi no meio da roupa suja.

– Se não for o tabuleiro procurado, espero que ninguém pense que estou roubando. – pensei preocupado.

Uma vez concluído meu serviço, aguardei impaciente o retorno da enfermeira com Evelin.

Não demorou muito para que retornassem.

Uma vez presentes, ajudei a devolver a paciente a sua cama já limpa.

Procurei por Sabrina e Samantha, encontrei-as de frente a biblioteca. Pedi para que me encontrassem na lavanderia o mais rápido possível.

Estando no local combinado, esvaziei o carrinho completamente, coloquei as roupas retiradas dos pacientes em seu devido lugar.

Peguei o tabuleiro e o triângulo de madeira que haviam se sujado e lavei-os em seguida com água corrente e sabão.

Neste ínterim, Sabrina e Samantha passaram pela porta principal.

Questionaram a razão do chamado urgente:

– O que aconteceu, Rafael? Parece preocupado? Tudo bem?

Após enxugar ambas as peças, entreguei-as para que elas pudessem analisar.

Perguntei em seguida:

– Será que esse é a tal tabuleiro que Íris se referiu?

Samantha respondeu de imediato:

–Tenha certeza que é esse sim. Eu já estava desconfiada...

– O que é isso? – perguntei curioso.

– Isto é um “Tabuleiro Ouija”, utilizado para manter comunicação com o plano espiritual, através de uma

manifestação espiritual que chamamos “efeitos físicos”. É uma espécie de oráculo caseiro...

– Onde encontrou? Perguntou Sabrina ainda em silêncio.

– Debaixo do colchão de Evelin.

– Bem, então parece que não há mais dúvidas... – iniciou Sabrina, contando sua última experiência fora do corpo no quarto da paciente.

– O que faremos? Perguntei aflito. Sabia que a situação física de Evelin era ruim.

Sabrina sugeriu:

– Samantha, podemos ir ao seus aposentos após o expediente? Acho que lá é um bom lugar para conversarmos, longe dos olhos e de ouvidos curiosos.

– Sem problemas. Daqui pra frente lá será o nosso “quartel general”. Pode ser? – sorriu satisfeita.

– Você está gostando disso ou é impressão minha? – perguntei.

– Ahh.. Já falei para Sabrina... Eu gosto mais desse tal de “sobrenatural” do que de enfermagem. – sorriu gostosamente.

– Percebi. – respondi acompanhando seu riso.

Perispírito

Rafael

– Achou alguma coisa na internet? – Perguntou Sabrina impaciente.

– Não sei nem o que procurar. – respondi pensativo. – Fantasmas? Demônios? Subjugação?

Samantha chegou neste instante com uma bandeja contendo alguns copos com suco. Ouvindo a pergunta sugeriu:

– Procure por “Vampiros Astrais”.

Mesmo estranhando o termo, fiz o que sugeriu. Assustei-me como o resultado:

– Nossa! Tem quase um milhão de ocorrências. Achei que isso não fosse algo tão comum.

– Engana-se. Coloque as palavras entre aspas para refinar a busca...

Assim o fiz. O resultado da busca, caiu para um pouco mais de oitocentas, estas, contendo a expressão exata.

– O que você sabe sobre vampiros astrais? – perguntou Sabrina a Samantha.

– Achei que não fosse perguntar. – sorriu. – Os vampiros astrais são na realidade espíritos desligados da matéria, ou seja, pessoas que devido seus crimes cometidos em vida, não tem coragem de encarar um plano espiritual maior, superior. Acabam vagando pelo plano espiritual baixo. O nome desta região que mais se popularizou foi “umbral”, que é a primeira faixa que nos cerca.

– Ok! Mas porque estão “vampirizando” Evelin? – perguntei enquanto navegava pela internet atrás de alguma informação extra.

Samantha virou-se para Sabrina neste instante:

– Sabrina. Lembra o que te falei sobre o fio de prata?

– Sim... aquele que eu até agora não vi... – respondeu sem expressão.

– É... ele é o culpado disso.

– Como assim, “culpado”? – perguntei curioso.

Samantha parou alguns segundos pensativa, tomou fôlego e teceu um quadro interessante e desconhecido por nós:

– Como eu já havia dito, o perispírito ou fio de prata é um intermediário entre o espírito e a matéria, responsável pela união de ambos. Lembra?

– Sim. Claro.

– Quando morremos, abandonamos definitivamente nosso corpo, e é o perispírito que nos acompanha em nossa vida espiritual. – pausou. – Quando ouvimos falar em pessoas que viram aparições, fantasmas, na realidade não estavam vendo o espírito propriamente dito, suas consciências, mas sim o seu perispírito, moldado na forma da inteligência que o ocupa. Complicou? – perguntou girando a cabeça para ambos.

– Um pouco. Respondi.

Samantha virou-se para Sabrina e perguntou:

– Sabrina, apenas para elucidar: Você mesma quando está fora do corpo, e é vista por outros espíritos, o que eles veem na realidade?

– Nunca havia pensado nisso. Com certeza não é meu corpo, afinal continuo deitada... – pausou pensativa. – Mas, se é o meu perispírito que veem, porque você falou que é um fio? – perguntou curiosa.

– Como eu disse antes, o perispírito é moldado na forma da inteligência que o ocupa. O que os outros espíritos veem não é a sua “essência espiritual”, mas sim o seu perispírito que leva a sua forma. O fio de prata é somente um pedaço dele, que continua ligado ao corpo.

– Agora entendi. Tanto o fio como o meu corpo que os outros espíritos veem, são na realidade a mesma coisa. O fio é somente uma extensão dele, que me mantém ligado ao corpo físico... É isso?

– Exatamente Sabrina. Para que haja menos confusão, costumamos chamar um de “corpo fluídico” que é o perispírito e o outro de “corpo físico” que é o corpo carnal.

– Os dois unidos por um “fio de prata”, que também faz parte do perispírito. – arrisquei.

– Excelente Rafael! Adoro conversar com vocês. – disse eufórica. – Como deu para perceber, o perispírito é semi material, e como vocês sabem, qualquer tipo de corpo biológico material precisa de alimento, e neste caso, o perispírito também precisa de energias físicas.

– Sendo um corpo também material, precisam de energias materiais para manterem-se. – murmurei tentando acompanhar.

– Sim Rafael. Nossos “amigos vampiros”, são espíritos que fugiram a “sequência natural” das coisas, e desta maneira precisam de alimento energético físico, para não definharem perispiritualmente. Se um corpo não se alimenta ele morre concorda?

– Claro. Mas um perispírito pode morrer?

– Morrer no termo literal da palavra não, mas comporta-se como um corpo material comum: Definha, perde sua plástica, até tornar-se inútil.

– Acho que entendi. – comentei.

Samantha continuou:

– Finalizando... Por estarem desligados da matéria, e por não terem outra saída, retiram dos vivos as energias que precisam para manter seu corpo fluídico “funcional”. Entenderam?

– São chamados de “vampiros” por isso? Porque retiraram dos vivos essas energias? – perguntou Sabrina.

– Sim! Em alusão aos tradicionais “chupadores de sangue”, que tiram o sangue de suas vítimas para eles mesmos não morrerem.

– Você disse que “fugiram da sequência natural”, que sequência é essa?

– Reencarnar. Essa é a lei. Uma vez ao voltarem a condição física, reencarnarem, ligados de novo a matéria tudo se equilibra.

– Reencarnar? Está falando em reencarnação? Termos vivido outras vidas? – perguntei surpreso.

Percebendo que eu achava a ideia irracional, respondeu severa:

– Sim. Reflita sobre tudo o que já aconteceu com vocês e me digam se encontram outra resposta! Mas isso não vem ao caso agora. O que precisam saber é que o perispírito é um material plástico, moldável a vontade do espírito. Desta forma, quando o espírito tem o conhecimento devido, ele muda conforme sua vontade, aparecendo não raro, na forma de anjos ou demônios.

– Entendi. Rafael achou algo? – perguntou Sabrina virando-se para mim.

– Sim. E é exatamente o que Samantha disse.

Notei que Samantha ficou feliz com a forma que fiz meu comentário. – Sorri vendo seu jeito.

Sabrina olhou-me estranhamente.

Fingindo não perceber perguntei:

– Onde o Tabuleiro entra nesta história?

– Olha Rafael, acredito que o tabuleiro tenha sido a forma na qual Evelin tenha atraído esses espíritos para ela.

– pausou. – Para que haja uma retirada de energias satisfatória, eles precisam de um vínculo estreito com a

vítima: Concentração e vontade, essas são as palavras “mágicas”, e para operar o tabuleiro, estes itens são imprescindíveis...

– Então o tabuleiro força essa situação de ligação, amizade... E os sonhos de Evelin, conforme eu vi, colocando esses espíritos como semi deuses reforça a confiança, o vínculo. - comentou Sabrina lembrando o que viu.

– Exatamente! – concordou Samantha

– Tudo bem. Entendi o “básico” desta explicação. Mas então o que faremos?

– Olha Sabrina, o “oráculo” já profetizou sua morte, e isso sem dúvida acontecerá por esgotamento, a menos que os espíritos sejam afastados. Vou consultar meu “oráculo particular” e depois voltaremos a nos falar. Pode ser? – falou Samantha com trejeitos, frisando com a voz.

– Oráculo particular? Do que está falando? – perguntei confuso.

– Depois eu conto. Também tenho meus “segredinhos”. Não é mesmo?

Todos rimos.

Evocação

Samantha

Após a saída de Sabrina e Rafael fui tomar um banho. Enchi a banheira com água até a metade e despejei meu saquinho com a mistura de ervas. Fiquei submersa por longo tempo até sentir a água esfriar por completo. Uma vez concluído o banho de ervas, enxuguei-me colocando roupas leves.

Fui até a sala, peguei no caminho um isqueiro sobre a mesa e levei comigo.

Já de frente ao meu altar, vi que uma luz acesa refletia sobre meu espelho; apaguei-a para não mais perturbar. Agora, entrando pela janela, apenas a luz da lua e das estrelas brilhantes iluminavam meu quarto.

Coloquei um CD que eu adoro, com musicas que eu utilizo em meus encantamentos, e após selecionar a faixa um, de nome “Quatro Elementos*”, respirei fundo.

Ouvindo a música, fui buscando forças no firmamento e nos espíritos superiores.

Concentrei-me.

Acendi duas velas sobre o altar, o incensário, o cálice de ervas e risquei no ar com o meu graveto de carvalho a estrela de Davi.

A cada ponta, pedi ao seu respectivo guardião do astral autorização para a evocação que faria. Entoei o hino de gratidão aos elementais* e após sentir uma breve tontura, a fenda astral no espelho se abriu.

* CD “Encantamentos” – Caso o leitor se interesse pela composição, acesse o site www.serieastral.com.br e faça o download da faixa referida no formato mp3 gratuitamente.

* Elementais – Seres espirituais conhecidos como “espíritos da natureza”. Segundo algumas crenças são espíritos situados nos primeiros estágios da evolução, nem bons, nem maus. Entre várias utilidades, Interferem nas mudanças climáticas do planeta guiado por espíritos superiores.

– Preciso da sua ajuda e de seus comandados meu amigo Celsius. – solicitei respeitosa.

Ouvi ao longe, na forma de sussurro uma resposta:

– Não sou Celsius. Sou Thomas. Sabrina me conhece, pergunte. – falou em voz gutural.

– Thomas? O senhor pode me ajudar? – perguntei desconfiada.

– O maior será preso amanhã a noite. Está com o coração endurecido e sabemos que não aceitará conversa. Sabrina deve substituí-lo na “hora grande*” e convencer os demais a seguirem seus caminhos. Explique a ela.

Uma imagem translúcida se formou dentro do espelho, expressou um sorriso sábio, sério e desapareceu.

– Thomas? Estranho... Quem será esse cara?

Não tendo mais o que fazer, apaguei as velas, tapei meu cálice de ervas para apagar as brasas, desliguei o som e fui para meu quarto.

Dormi.

Sabrina

A diretora chamou-me em sua sala.

Já de frente a sua porta, bati suavemente e entrei.

– Sente-se. Preciso falar com você.

– Em que posso ajudar? – perguntei curiosa, tentando lembrar de algo esquecido em minhas obrigações, que forçasse o chamado de Áurea em sua sala.

Áurea soltou a “queima-roupa”:

– Chegou aos meus ouvidos que alguns pacientes estão vendo coisas estranhas: monstros, demônios, e sei lá mais o que.

Como eu não disse absolutamente nada, continuou:

* Hora grande – Meia-noite.

– Como não é um fato isolado achei melhor chamá-la. – pausou. – Devido ao seu “passado estranho” nesta clínica, achei que talvez tivesse alguma coisa a ver com isso. – falou medindo minhas expressões.

– Bem... Na realidade...

Áurea interrompeu.

– Nem tente me explicar. – sorriu. – Faça o que você tem que fazer, mas não exagere, não quero ver holocaustos de animais, ninguém de manto negro desfilando, ou procissões bizarras dentro da clínica...

Ri gostosamente com o comentário de Áurea, quase perdendo o equilíbrio da cadeira. Mas foi muito bom receber “carta branca” da diretora.

Ela acompanhou o riso.

Saí da sala prometendo me comportar.

– Vou fazer o possível para resolver essa questão. Não se preocupe. Tanto Rafael quanto Samantha também estão empenhados na solução do problema. - Informei para que se tranquilizasse.

– Samantha também? Ai meu Deus... – falou colocando a mão na frente.

– Quem é Thomas? Perguntou Samantha, servindo-se de um café na copa.

Hesitei um pouco para responder, mas devido aos últimos acontecimentos, não havia mais espaço para segredos.

– Meu pai. – respondi sucintamente

Samantha ficou alguns segundos em silêncio e finalmente comentou:

– Já vi seu pai algumas vezes na clínica... não era ele...

– Meu pai biológico... eu quis dizer...

Samantha pensou por mais um tempo e continuou:

– Hum! Entendi... – pausou. – Não é bom saber que tem familiares importantes te ajudando? – perguntou normalmente como se nada fosse.

– Sim. Sem dúvida. Mas como soube dele? Porque pergunta?

– Ontem a noite consultei meu “oráculo particular” e ao invés do meu espírito protetor, um outro espírito de nome Thomas se manifestou...

– E?

– E disse que você o conhece. Que tem um trabalho para você...

– Trabalho?

– Sim. Disse que o espírito do chefe do grupo vai ser afastado a meia-noite de hoje. Você deverá substituí-lo.

Nem mesmo entendendo o que isso significava, assustada reclamei:

– O que? Tá maluca? E fazer o que? O Chefe parece o diabo em pessoa. Vou substituí-lo para que? Substituí-lo como?

– Calma! O chefe do grupo “parece”, mas não é o diabo em pessoa. Na realidade é um pobre coitado que ainda “não se achou”. Como já te falei, os espíritos que tem um pouco mais de conhecimento “vestem-se” da forma que quiserem para fazerem o que julgam necessário. Neste caso, o desejo do “chefão” é somente oprimir e comandar. É apenas uma “fantasia” que vestem, nada mais que isso. Nada de “diabão”, entende?

– Tá! Isso eu entendi. Mas porque terei que fazer isso?

– Alguém tem que fazer. Você o substituindo, terá a oportunidade de conversar com seus subordinados e ser ouvida. Somente assim poderá encaminhar os espíritos que quiserem seguir seus destinos, desmantelando finalmente o grupo...

Pensando sobre a incumbência proposta, notando a responsabilidade do ato e ciente de meus poucos conhecimentos perguntei preocupada:

– Falar é fácil. Como farei os espíritos “seguirem seus destinos”? E que destino é esse?

Samantha suspirou, pensou demoradamente e finalmente explicou:

– Sabrina... com certeza não será fácil. Você deve estar lembrada do que eu te falei sobre “padrão vibratório”, “faixas”, quando conversamos sobre ver o fio de prata, lembra?

– Sim. Lembro.

– Os espíritos que fazem parte do grupo, são espíritos que tem seus padrões vibratórios baixos. Não percebem a aproximação dos espíritos superiores que os tentam ajudar...

– Por isso não me veem?

– Sim... exatamente. Apesar de você ser um espírito ainda na carne, ainda estar evoluindo, seu padrão vibratório é mais alto que o deles. Você tem um bom coração e sabe disso.

Tenho certeza que fiquei vermelha com o elogio neste momento. Agradeçi..

– Não me agradeça, isso é apenas fato. Thomas me pediu para ajudá-la nesta “empreitada”. Terá de mim o que precisar e o que eu puder alcançar...

– Obrigada.. de novo...

– Mas continuando: Para que os espíritos possam seguir seus destinos, precisam ser sensibilizados. Uma vez

feito, o padrão vibratório deles subirá. Eles terão apenas que ir para uma faixa um pouco melhor possibilitando o socorro.

– Onde você aprendeu tudo isso?

– Sabrina, faz muito tempo que estudo, mas acredite, te invejo. – sorriu. – Eu adoraria fazer o que você faz..

Sorri com seu jeito.

Por não saber ainda o que fazer, voltei a perguntar:

– Sensibilizados de que forma?

– Emocionalmente. Terá que “tocá-los” em seu íntimo, fazendo-os crer na ajuda, ou ao menos fazê-los pensar em algo mais sublime. Um pouco que você consiga erguer o padrão deles, e um pouco que os espíritos benfeitores consigam baixar os seus, estará resolvido.

– Entendi mas não escondo. Estou com medo. Não sei o que poderei dizer a eles. Pensei em fazer psicologia depois da enfermagem... Acho que agora, depois de tudo que me disse, seria sem dúvida o ideal.

– Com certeza. Pense com carinho nesta possibilidade. Quanto ao que dizer a eles, fale com o seu coração, nada mais que isso.

Suspirei.

– E quanto a Evelin? O que faremos com ela?

– Nada. A menina não tem instrução e está hipnotizada pelos espíritos. Conforme o que me contou está convencida que são semideuses. Eles a mantêm ligada com falsas imagens. Ela não ajudará em absolutamente nada. Se ela tiver consciência do que pretendemos, irá tentar até atrapalhar, isso sim. Depois do afastamento do grupo, talvez consigamos explicar-lhe algo.

– Mas será que entenderá?

– Se ela usa o Tabuleiro Ouija, com certeza tem um certo conhecimento... mas tudo a seu tempo. Você e Rafael,

estejam meia hora antes do horário programado por Thomas em nosso “quarte general”. Pode ser?

– Sim.. Claro. Pode contar conosco.

Abracei-a carinhosamente e sai.

Socorro

Sabrina

No horário combinado, eu e Rafael batemos á porta de Samantha.

– Entrem, por favor.

Um forte cheiro de incenso invadiu nossas narinas, mas apesar de ser forte, era bom.

Samantha estava diferente, seus passos eram lentos e seu olhar distante, como se estivesse no “mundo da lua”.

Pedi para sentarmos em duas poltronas confortáveis previamente preparadas.

Assim o fizemos.

Rafael questionou a necessidade de também participar, afinal considerava-se completamente “crú” nos assuntos envolvidos.

– Sente-se Rafael. - ordenou. - Suas energias sexuais poderão ser úteis... – falou pausadamente.

Rafael olhou para mim assustado.

Achei graça da expressão que fez, mas sentou-se sem mais nada dizer. Não era uma boa hora para novas explicações.

– Fiquem da forma que estão por alguns minutos, tranquilizem-se. Não esqueçam que nunca estarão sozinhos neste tipo de trabalho...

Fizemos conforme o pedido.

Após alguns minutos, com os pensamentos distantes, senti-me extremamente relaxada e bem. Pensei que naquela momento “balançaria”, mas nada disso aconteceu.

Confusa, perguntei a Samantha:

– No estado que estou já era para eu ter me desprendido do corpo, e isso não está acontecendo... Porque?

– Não está mais no seu controle. Espíritos amigos estão aguardando o momento propício...

la perguntar algo sobre esses “amigos”, mas calei-me. Sem dúvida Thomas era um deles. Sentia-me segura com este pensamento.

Pensei em ajeitar-me um pouco mais na poltrona, mas não foi possível, senti-me arrebatada para fora do corpo antes de conseguir meu intento.

Fui lançada para o quarto de Evelin, e este, parecia dezenas de vezes maior do que o real, assemelhava-se a um grande salão.

Evelin encontrava-se ao centro, translúcida. Tive a impressão de não estar, conforme explicações de Samantha, na mesma “faixa vibratória” do cenário.

Olhando ao redor, notei que vários espíritos conversavam agitados.

Parei prestando atenção:

– Onde está Camael? O que está acontecendo aqui?

– Também não sei. Alguns disseram que sentiram os “guardiões*” por perto...

– Guardiões? Tem certeza? Será que levaram Camael?

– Não sei. Acho que devemos absorver o que pudermos e sair daqui o mais rápido possível.

Ouvindo as últimas palavras arrepiei, com certeza o “demônio” estava se referindo as energias vitais de Evelin.

Como ela estava altamente debilitada, temi por sua vida, e de ímpeto, resolvi naquele instante assumir meu papel.

* guardiões – Nada mais que espíritos protetores.

Concentrei-me com já havia feito antes, criando roupas e utensílios no astral*, mas desta vez, alterando minha forma, baseada na lembrança da imagem do chefe do grupo.

Não posso dizer que senti dificuldades.

Olhei para meu corpo e rapidamente encontrava-me “vestida” como o chefe.

Caminhei ao encontro do grupo em passos lentos e pesados.

Sentindo-me como o “chefe” fui percebida por todos.

– Olha lá. Camael voltou!

– O que está acontecendo aqui? – perguntei zangada com voz masculina e grossa.

– Pensamos que os guardiões o haviam levado. Alguns sentinelas sentiram a presença...

– Me levado? O que pensam que sou? Imbecis!! – respondi grosseiramente, caminhando até uma espécie de trono no qual me sentei.

Dando uma breve pausa, continuei:

– Nada disso importa.

Olhando para os lados, tentando me familiarizar com os presentes, na esperança de perder meu medo, fiz algumas reflexões íntimas.

Lembrando das explicações de Samantha sobre o que realmente eram, e sentindo um leve calor em minha cabeça, iniciei:

– Andei pensando seriamente no que acontece conosco. – pausei. – Tomei algumas decisões. Aproximem-se para ouvir. – ordenei gesticulando.

* astral – Sabrina se refere a roupas e objetos criados no passado auxiliando Pipa, e na luta corporal com a ilusão de seu pai. – Livro 1 – “Qual o seu medo?”

Senti-me aliviada quando os espíritos se afastaram de Evelin, depois assustada com a sua proximidade.

Neste estado ouvi a voz de Thomas ao longe:

– Calma. Você não está sozinha.

Suspirei.

– Tenho outros planos para mim. – iniciei um novo monólogo. – A muito tempo abandonei as pessoas que me eram caras, pessoas que marcaram minha vida e que nunca mais as vi por escolher o caminho que estamos trilhando. Sei que muitos aqui sabem exatamente sobre o que estou falando... – falei dando uma pausa proposital, permitindo que “mastigassem” o que era pronunciado.

Notei que a expressão de todos os espíritos do grupo mudara.

Alguns abaixaram a cabeça, acredito eu, com lembranças antigas. Outros, uma pequena minoria, fuzilaram-me com seus olhos chispando brasas.

Percebendo essa reação negativa de alguns, falei de forma enérgica e grossa, inclinando meu corpo para frente:

– Não quero que ninguém se manifeste enquanto eu não acabar de falar. Tenho motivos fortes para dizer o que estou dizendo.

Utilizei-me desta forma de expressão no intuito único de manter a ordem e a atenção por um pouco mais de tempo, e conseguir “tocá-los” emocionalmente conforme instruções de Samantha.

Continuei:

–O que ganhamos com tudo isso até agora? Quantas pessoas ferimos e claro, quantos inimigos novos formamos? Qual será o fim desta história? Seremos um dia afogados pelos nossos atos? Até quando suportaremos essa pressão e medo?

Levantei-me da cadeira e bati no peito.

– Sou forte? Somos? Claro que sim. Por isso estamos tanto tempo juntos. – gargalhei disfarçando as reais intenções. – Voltei a me sentar. – Mas, está realmente valendo a pena? Olhem para os lados, o que veem? Além do nada? Além de ilusões? Respondam com a voz de seus corações: O que une vocês além do interesse? O que os une? Quantos de vocês já esqueceram o que é o verdadeiro amor? Quantos de vocês não queriam estar neste momento com seus pais, esposa, filhos? Aqueles que realmente se importam com vocês? – falei sem tomar fôlego, em uma única reta. – Me respondam com sinceridade. Vocês são felizes?

Um dos integrantes do grupo, no qual fuzilou-me com o olhar levantou-se e gritou:

– Basta! Você não é Camael. Ele é um dos guardiões! – dirigindo-se aos demais. – Não o escutem. Ele mente!

Neste instante enchi-me de vontade: Levantei-me do trono e mostrei minha verdadeira forma.

– Não sou um Guardiã. Sou apenas uma mulher. Que gosta e se preocupa com vocês! Apenas uma mulher que já errou muito, mas que conseguiu sair da infelicidade. Porque vocês insistem em permanecer neste estado? Todo o universo é nosso por direito. Olhem para cima, olhem para as estrelas, para o espaço universal. Somo filhos de Deus e portanto seus herdeiros. Basta escolher o caminho certo e justo, e todo o resto nos será dado. Ao invés disso, encontram-se hoje como mendigos, matando seus irmãos para saciarem sua fome. Hoje eu sou realmente feliz, graças ao novo caminho escolhido. Mudem! Esta é a hora da mudança tanto esperada. – Falei com uma animação fora do comum.

– Chega! Vejam seu “cordão de prata” – Gritou umas das entidades. – Peguem-na antes que retorne ao corpo. – ordenou.

– Ahh.. Então eu tenho mesmo um “cordão de prata” – pensei comigo.

Praticamente ninguém se moveu. Apenas quatro de todo o grupo resolveu acatar as ordens proferidas.

Percebendo que partiriam para o ataque, fiz com que raios e trovões ensurdecedores retumbassem fortemente no local. O restante, aos quais apenas observavam, jogaram-se no chão visivelmente assustados.

Mudei novamente minhas formas, e inspirada nas grandes e lendárias guerreiras Amazonas, vesti-me a sua imagem, erguendo uma avantajada espada reluzente.

– Quem será o primeiro? – perguntei em desafio engrossando a voz.

Percebendo que eu dominava com maestria o ambiente e, por saberem, acredito eu, não estar sozinha, os cinco espíritos se afastaram. Desapareceram lentamente. Da boca de um dos agressores pude ouvir uma ameaça:

– Isso não acaba aqui!

O grupo que sobrou estava sem ação. Percebendo o problema, perguntei:

– Vocês lembram de suas antigas formas? – perguntei carinhosamente.

Todos consentiram a pergunta que fiz de um jeito ou de outro. Não precisou mais que isso para voltarem a pensar no passado, sensibilizando-os um pouco mais.

Feições amargas, bravias, deram lentamente espaço a feições naturais. Aos poucos, pessoas comuns substituíram os seres abrutalhados. Faces cansadas, tristes, tocou-me intimamente neste instante, comovendo-me.

Olhando com mais atenção, pude constatar a presença de até mesmo adolescentes no grupo. Um deles parecia-se muito com Rafael.

Uma angústia forte me invadiu, senti um aperto no peito, suas dores.

Pude sentir o quanto aquelas entidades, mesmo anteriormente bizarras e aparentemente maldosas sofriam.

Instantaneamente lágrimas correram fora de meu controle.

– Até que ponto perderam-se de si mesmos? – perguntei em pensamentos.

Acredito que todos naquele momento sentiram as emoções que invadiram minha alma. Foi sem duvida o último impulso necessário para subirem suas vibrações, afinal, depois de muito tempo, perceberam serem queridos por alguém.

Graças a isso, todo e qualquer medo que ainda sentiam, referente ao futuro que os aguardava dissipou-se neste instante, sabiam em seu íntimo estarem entre amigos.

O socorro chegou neste instante.

Olhando para umas das paredes do salão, pude ver o exato momento em que vários espíritos a atravessaram: velhos amigos, familiares, mulheres e para minha surpresa crianças, e até mesmo os ditos “guardiões”.

Um pequeno grupo de guardiões cercou Evelin.

Vi com clareza milhares de fios luminosos se ligarem rapidamente a paciente controlados por eles. Um fio relativamente mais grosso, de cor avermelhada, mostrou-se presente. Acompanhando com o olhar e pensamentos até sua origem, pude constatar vir de Rafael.

Thomas estava em pé, apenas observava silencioso com um leve sorriso nos lábios. Mantinha certa distância.

Um dos rapazes do grupo antes animalesco, passou por mim, com lágrimas nos olhos, fitou-me momentaneamente dizendo:

– Obrigado amiga.

Sorri, e contemplando esta belíssima visão de recomeço, senti-me retornando ao corpo.

Abri os olhos em seguida na sala de Samantha.

Samantha

– Você está bem? – perguntei ao perceber o retorno de Sabrina ao corpo.

– Sim. Estou. Parece que deu certo.. não é? – falou preocupada.

– Sem dúvida. Thomas me disse que dos quarenta e oito, apenas cinco espíritos ficaram para trás. Os demais foram encaminhados, estando neste instante com seus amigos e familiares, prontos para mudarem de vida.

– Então você viu o que aconteceu lá no quarto de Evelin? Comigo e com os espíritos?

– Não. Não tenho esse “dom”. Eu só ouço “sussurros” dos espíritos. Já te disse que eu te invejo. Mas pode ter certeza que vou querer saber “tudo”. – falei forçando a voz na última palavra. – Estou super curiosa. – finalizei.

– Não me inveje. Passei “apertado” lá. Falando nisso me diga: Eu falei muitas coisas sem conhecimento de causa, como isso é possível?

– Não estamos sozinhos nestes serviços espirituais, daí com certeza você estava com algum auxiliador, que te inspirou a dizer o que era necessário.

Sabrina

Lembrando do calor que sentia sobre minha cabeça no grande salão, respondi:

– Entendi. Percebi que havia algo ligado a mim. – olhando para o lado perguntei: – Rafael está dormindo?

– Sim, mas não é a toa. Ele continua ligado a Evelin doando suas energias regeneradoras...

– Você falou em energias sexuais, porque? – interrompi.

– Porque é a energia da vida. Lembra onde é localizado o Chakra da “base”?

– Sim. Próximo a genital.

– Isso. É o nosso primeiro Chakra ligado a terra. Consegue perceber a sua ligação com o “vida”? Terra e sexo: sempre criação, criação, criação...

– Sim. Compreendo...

Samantha

Sabrina ficou olhando por um certo tempo para Rafael, depois seus olhos pousaram sobre mim mudando de expressão.

– Notei que você faz Rafael sorrir com facilidade... – perguntou-me estranhamente.

Enquanto falava, analisei seu jeito e palavras, e somando certas “entrelinhas” ao que acabara de ouvir, com o seu olhar enamorado sobre Rafael, falei:

– Outro dia, aqui mesmo, você olhou estranhamente para ele, quando concordou com as minhas explicações sobre os vampiros astrais, lembra?

– Sim.. lembro...

– Apenas me diga uma coisa: – interrompi. – Emotivamente falando, sobre vocês dois. Você confia “no seu taco” Sabrina?

– Lógico. – respondeu confusa.

– Então não deixe esse sentimento crescer e minar nosso relacionamento. Aprendi a gostar de vocês como dois

irmãos. Nada mais que isso. Aliás, aqui cabe dizer uma coisa que aprendi faz tempo: Os espíritos usam nossas fraquezas para nos influenciar, pense e não se esqueça nunca disso.

Sabrina enrubesceu.

Dúvidas

Thomas

Sabrina finalmente voltou para casa.

Em certo momento, que saiu de seu corpo com o sono natural a abordei:

– Bom trabalho Sabrina.

– Thomas! Que bom que está aqui...

Sorri. Mostrando que dividia seus sentimentos.

– Eu não mereço o crédito que me dá. Nem mesmo as palavras que saíram da minha boca eram minhas. Fui apenas um “fantoche” na mãos de vocês

– Está enganada. Só foi possível executar o trabalho de socorro devida a sua doação total. Você não fez nada obrigada fez?

– Não. Claro que não.

– Fez com amor?

– Oras. Claro que sim.

– Então. Sem você nada disso seria possível. Sua presença, sua vontade, seu “dom”, seu sentimento.

– Apenas acho que minha participação foi mínima. – falou preocupada.

Sorri com a modéstia de minha filha, e não resistindo perguntei:

– Quem foi que se vestiu de Amazonas e quase partiu para a briga? Quem fez surgir até mesmo raios e trovões naquela sala?

Sabrina riu alto, gostosamente.

Tive vontade de abraçá-la neste instante, mas me contive.

– Acho que exagerei né?

– Nem um pouco. Fez apenas o que julgou necessário, e o resultado final provou que você fez o certo...

– Thomas, deixe-me apenas tirar algumas dúvidas. Pode ser?

– Claro. Me aproximei de você justamente para isso. Fale.

– Eu já havia te perguntado antes, mas queria saber até onde vai essa questão: Senti-me mal no dia da internação de Evelin, depois no quarto dela, e também andando no corredor sozinha. Você me disse que isso foi causado devida a minha sensibilidade, de poder sentir suas vibrações negativas. Mas e quanto ao meu mau humor?

– É igual. Sua empatia está aumentando com o exercício. Sente as energias que a cerca, assim como assimila as sensações e pensamentos de terceiros, vivenciando-os como sendo seus. Nos casos que citou, recebeu com facilidade as ideias negativas de alguns membros do grupo dissolvido, deixando-a irritada. De forma positiva, recebeu as ideias dos espíritos superiores no quarto de Evelin no trabalho de socorro.

– Se refere ao calor que senti em minha cabeça?

– Sim. Havia espíritos ligado a você te inspirando.

Sabrina deu uma pausa e depois continuou:

– E se eu ceder as más influências?

– Você sabe os resultados. Já passou por isso quando Rafael te apresentou o carro comprado.

Sabrina sorriu.

De súbito expôs uma nova dúvida:

– Quando comecei a sair para o astral, nada via além do espírito de Samira e as suas ilusões criadas*. Porque só agora percebo a existência de outros espíritos? Não era para eu ver no passado os demais também? Tanto de pessoas vivas como as que já partiram para a vida espiritual?

*Ilusões criadas - Livro 1 - “Qual o seu medo?”

– É como a sua amiga Samantha lhe explicou: Você vê o que presta atenção. O que não importa é descartado, claro, contendo o agravante do padrão vibratório de cada ser. Você e Samira estavam dentro de um mundo criado por vocês mesmas, ou melhor, você entrou no mundo dela, não importando mais nada a sua volta. Em todo o desenrolar dos fatos ocorridos no passado, vários espíritos superiores as observavam, mas não tinham como interferir. Exatamente como hoje com os espíritos resgatados.

– Você interferiu no passado... - falou Sabrina com voz sumida.

– Sim. E você sabe porque. Meu padrão era baixíssimo, carregado de culpa e tristeza. Venci junto com você minhas deficiências naquela época*.

– É... eu também. Como eu disse no quarto de Evelin: “Sou uma mulher que já errou muito”....

– Viu como você sabia o que estava falando? Nem tudo foi colocado em sua boca. – interrompi.

– Verdade. Outra coisa: Porque Evelin mudava de expressão cada vez que um espírito se ligava a ela? Quando eles se “alimentavam”?

– Exatamente por ligar-se a ela. No caso de Evelin, ocorria uma troca de sensações, criando até mesmo um pequeno controle físico por parte dos espíritos...

– Eles tem como aumentar esse controle? - interrompi.

– Sim. Mas para isso é necessário corpos preparados para receber essa influência. Mas pode ser desenvolvido. Tenho certeza que já ouviu falar dos sensitivos ou dos médiuns.

– Sim. Já. Mas depois vou pesquisar. – pausou. – Então as variações de humor da paciente também poderia estar ligada as essas influências maléficas?

* Época – A razão deste comentário encontra-se no Livro 1 – “Qual é o seu medo?”

Percebi neste instante que as perguntas elaboradas por Sabrina tinham um objetivo:

– Sem dúvida alguma. A parte emocional das pessoas é muito mais sensível que o físico. E adivinhando sua próxima pergunta, respondi: – Sim. Ela está curada. Cabe apenas explicar-lhe as causas para que não caia novamente no mesmo erro.

Sabrina ficou extremamente feliz em saber que a paciente recuperaria sua vida normal, que seu problema havia sido resolvido.

Abraçou-me do jeito que eu gostaria de ter feito, desculpando-se depois pelo ato.

– Não se desculpe. Meu afeto por você e dívida* é grande. Estarei sempre ao seu lado.

Sofri um certo abalo expondo minhas emoções, assim como com o abraço afetuoso de Sabrina.

Despedi-me sumindo em seguida de seus olhos.

Rafael

Entrei no quarto de Evelin fingindo uma troca de roupas costumeira, mas minhas intenções desta vez eram outras.

Ela encontrava-se ajoelhada ao lado da cama retirando seus pertences dos gavetões, colocando-os sobre a cama.

– Já vai embora? Se cansou da gente? – perguntei alegremente.

– Recebi alta Rafael, meus anjos protetores com certeza me ajudaram. – falou feliz virando-se para mim.

Sorri com a inocência de Evelin.

– Evelin, vim aqui porque eu já sabia de sua alta, e tem duas pessoas que precisam falar com você antes que vá.

– Sobre o que?

* Dívida – A razão deste comentário encontra-se no Livro 1 – “Qual é o seu medo?”

– Sobre seus “anjos protetores”. Como você mesma disse.

Evelin franziu o cenho e tentou disfarçar:

– Não entendi. O que quer dizer com isso?

– Que precisamos falar sobre seus “anjos protetores”...

– O que está insinuando? Falei por falar sobre “anjos protetores”, força de expressão, tudo bem? Não estou te entendendo. Na realidade o tratamento foi eficaz e eu estou finalmente indo para casa... Não é simplesmente isso?

– O tratamento foi cancelado. Você está recebendo alta por uma melhora inexplicável.

Ficou pensativa. Parou alguns segundos “no ar” perguntando seriamente:

– E qual o problema?

– Inexplicável para o seu médico. Não para mim, nem para as duas enfermeiras que a auxiliaram no seu processo de recuperação.

– Me ajudaram? De que forma? O que vocês sabem?

– Um pouco mais do que você imagina. – falei levantando o colchão e entregando-lhe o seu tabuleiro, o mesmo, devolvido ao seu lugar um dia depois que Sabrina ajudou no socorro.

Evelin ficou muda, seus olhos quase saíram das órbitas.

– Você está me assustando Rafael. O que está acontecendo?

Suspirei.

– Calma. Temos duas horas antes que seu pai chegue para levá-la para casa. Me acompanhe por favor... – disse levantando-me e seguindo em direção a porta.

– E se eu não quiser? – falou ainda assustada.

– Acredito que seus deuses, aqueles que você vê em seu sonhos e conversa na tábua Ouija, ficariam muito chateados. – Menti, na esperança que meu pedido não fosse negado.

– O que você sabe sobre eles?

– Sabrina e Samantha dirão a você o que deve ser dito. Me acompanha até a sala da diretoria? Pode ser? Por Favor? – perguntei abrindo um largo sorriso.

Evelin finalmente levantou-se. Seguiu-me de perto levando sem perceber o tabuleiro debaixo do braço.

Áurea, uma vez ao par da necessidade de conversar com a paciente, cedeu sua sala sem pestanejar. Sabia que ali haveria a privacidade necessária. Obviamente não queria que o assunto tomasse vulto dentro da clínica.

Uma vez dentro da sala com as duas, tenho certeza que Evelin sofreu uma longa e delicada “lavagem cerebral”.

Acredito que a conversa tenha sido difícil.

Quase esgotada as duas horas para a chegada do pai de Evelin, vi quando todas abandonaram a sala de uma única vez. Falaram mais um pouco no corredor entre abraços e sorrisos.

Sabrina, que estava segurando o tabuleiro de Evelin, passou-o para Samantha, e esta, jogou-o no lixo ali mesmo.

Evelin não se abalou com o fato. Ao contrário, sorriu.

Fiquei feliz neste momento.

Com certeza a conversa teve resultados positivos.

Sabrina

Evelin apesar da pouca idade era muito inteligente, mesmo tendo encontrado falsos amigos espirituais, recebeu por eles muita informação sobre o astral.

A conversa foi difícil, sem dúvida, pois convencê-la que seus heróis eram bandidos deu muito o que fazer, mas cedeu a lógica dos fatos.

Thomas, através de “sussurros”, nos auxiliou com Samantha do jeito que pode, trazendo a tona fatos que não sabíamos, facilitando assim a aceitação da paciente:

Descobrimos que a mãe de Evelin, já falecida, teve os mesmo problemas, e seu pai, por desconhecer as causas verdadeiras, nada pode fazer, a não ser interná-la em uma clínica. Infelizmente terminou seus dias por lá.

Lembrei também do que Thomas me disse sobre “corpos preparados” para receber influências e, por ser físico esse preparo, pude deduzir sem margens de erro que essas predisposições eram transferidas geneticamente. Thomas, através de Samantha confirmou a tese. Evelin foi alertada sobre a questão, e sabedora dos riscos que seus filhos corriam, prometeu prestar atenção em possíveis influências negativas para não cometer o mesmo erro que vitimou sua mãe.

Samantha ficou muito feliz com a ajuda extra de Thomas, ouvindo sua voz com muito mais clareza sem preparo algum e dispensando o uso do “oráculo caseiro”.

O pai finalmente chegou.

Muito me aprazou vê-los abraçados, retornando a partir daquele momento as suas vidas normais, claro, depois de livrarem-se dos inúmeros abraços e beijos de Ivete que não se continha de tanta felicidade.

Áurea encostou neste instante ao nosso lado, mediu Samantha dos pés a cabeça e fez o seguinte comentário bem humorado:

– “Até tu Brutus”? Até quando terei surpresas nesta clínica?

Virou-se para mim em seguida sem aguardar resposta e sem rodeios perguntou:

– Acabou?

– Sim diretora. Acabou. - respondi sucintamente.

Noivado

Adrian

O sol estava quente naquele horário.

Como se não bastasse o calor que vinha de cima, ainda tive que suportar o calor a minha frente: Largaram-me para cuidar da churrasqueira.

Pelo menos meu copo de cerveja estava sempre cheio e gelado. Steffani cuidava bem deste “encargo”, além da distribuição das carnes que já estavam prontas para servir.

Som no máximo, balbúrdio, como em toda e qualquer festa movimentada. Se me perguntassem, com certeza não conseguiria explicar de onde surgiu tanta gente.

– Espero que a carne não falte. – pensei comigo.

Enquanto virava periodicamente o que assava, passei a observar atentamente ao redor: Várias mesas plásticas foram espalhadas pelo jardim, nelas, diversos parentes e amigos do casal se espremiavam rindo sem parar. Senti uma certa nostalgia ao observar a cena, lembrei do meu tempo de faculdade.

De repente, um dos jovens que estava sentado veio ao chão. No susto, até pensei em socorrê-lo, mas no meio de tanta gente pensei: “que se virem”. Acho que a cerveja já havia estragado um pouco do meu bom senso também. Vi somente que pegaram o rapaz e desapareceram com ele dentro de casa.

Steffani apareceu após alguns minutos para pegar mais comida, e perguntando sobre o desfecho da bebedeira do rapaz, fui informado que o largaram dentro de nossa banheira com roupa e tudo.

– Porque fizeram isso?

– Disseram que se ele resolver vomitar fica fácil de limpar. Não espalha nada pela casa.

– Inteligente os meninos. – respondi sem expressão continuando a virar a carne.

Rafael

No meio da festa o pai de Sabrina veio sorrateiro até onde eu estava, entregou-me a caixinha das alianças e disse:

– Até quando vai ficar sentado com esse bando de moleques? Vai lá. Já passou da hora de fazer seu “Show”...

Não pensei duas vezes. Caminhei até Sabrina que também estava entre amigas jogando-me de joelho aos seus pés.

Não sei de onde surgiu um microfone, mas segurando-o firmemente com uma das mãos iniciei meu “discurso”:

– Sabrina. Quero que você saiba as minhas reais intenções para com você...

Neste instante o som alto fora desligado. Pude ouvir perfeitamente uma violenta vaia dos presentes. Mesmo assim, acho que devida a coragem dada pelo álcool, continuei:

– Desde que pousei meus olhos em você sua beleza me contagiou. Perdi noites e noites de sono pensando em você...

As vaias neste instante tornaram-se aplausos.

– Mas... falando sério agora... – disse levantando-me com dificuldade do chão.

Sabrina me interrompeu em tom de censura:

– Você não estava falando sério sobre minha beleza?

– Claro que estava. Mas eu não disse o que realmente sinto. Isso, o que sinto, eu gostaria de dizer olhando diretamente dentro de seus olhos.

Após estas palavras, o silêncio tornou-se absoluto.

Envolvido pelo brilho indescritível de seu olhos falei:

“– Sei que antes de mais nada devemos ser sempre amigos. Eu bem o sei. Mas sei também que isso somente não basta. Você quer e precisa de um companheiro para as horas difíceis... E a partir deste momento, prometo-lhe que terá.

Sei que quer um homem para constituir uma família, afinal este é o sonho de qualquer mulher. Mas sei também que não existe esposa feliz sem que haja alguém do seu lado que a ame de forma incondicional... Isto, a partir deste momento, prometo-lhe que também terá, pois esse é o “peso” do meu amor que sinto por você.

Amo-te com todas minhas forças, e neste instante, na frente de todas essas “testemunhas”... – sorri. – Eu gostaria que aceitasse nossas alianças, selando assim as promessas que acabo de fazer.”

Nossos pais, estáticos, tiveram que ser cutucados para tomarem seus lugares.

Uma vez próximos a mim, entreguei uma das alianças para cada casal.

Sabrina recebeu sua aliança pelas mãos dos meus pais, e eu, pelas mãos dos seus.

Por todos os lados, pude ver lágrimas rolando das faces de vários convidados.

Sabrina estava linda, radiante, nunca a vi tão bela como naquele momento. Não resistindo, aproximei-me e beijei-a demoradamente.

Neste momento o silêncio fora quebrado, todos aplaudiram eufóricos.

Acariciando seus cabelos falei:

– Aconteça o que acontecer, não esqueça nunca: Te amo como nunca amei alguém na vida.

– Eu sei. Eu sinto isso. E acredite, terá o mesmo de mim. Você é especial. - respondeu amorosa.

Sabrina

Eu estava radiante, não sabia para onde olhar, ainda mais depois da entrega apaixonada das alianças.

Rafael ficou ao meu lado depois das promessas que fez e de lá não mais saiu. Estava lindo, metido dentro de um elegante traje esporte.

Ele falava sem parar.

De momento, parei próximo as suas costas e, com minha cabeça acima de seus ombros, perguntei bem próxima ao seu ouvido:

– Lembra do meu “destempero” quando comprou o seu carro?

– Nosso carro você quer dizer. Sim, lembro. O que é que tem?

– Thomas me disse que foi causado pelas influências do grupo da Evelin...

– E?

– Estou me desculpando novamente por todas as bobagens que te disse naquele dia. Me perdoa?

– Eu já te perdoei faz tempo Sabrina. Algo me diz que teremos muitos problemas alheios para resolver além dos nossos. Não convém ficarmos presos a essas coisas pequenas. Não se preocupe. – sorriu

– Fico feliz que pense assim. – retribuindo seu sorriso e beijando-lhe no rosto.

Fomos interrompidos em nossa conversa por um amigo que fiz quando ainda cursava enfermagem. Este aproximou-se dizendo:

– Sabrina, Rafael. Trouxe um presente para o casal, para quando estiverem sozinhos e não tiverem o que fazer...

Após esse comentário todos da mesa riram carregados de malícia, interrompendo o convidado, dizendo que sempre teríamos o que fazer quando sozinhos.

– O que é? – perguntei curiosa.

– Abra!

Desembrulhei com carinho o pacote pesado para não estragar o papel. Uma vez feito, pude ver uma caixa sem nenhuma impressão.

– Não dá para saber sem abrir?

– Não. É um produto artesanal. Comprei pela internet.

– falou orgulhoso.

Fiquei mais curiosa ainda.

Ao tirar sua tampa pude contemplar um belíssimo tabuleiro Ouija de bordas entalhadas, com sua respectiva seta de madeira triangular.

Rafael e eu nos entreolhamos. Paramos estáticos perante a surpresa.

Meu amigo estranhando nossa reação perguntou:

– O que foi? Não gostaram?

– Adoramos. - respondemos em uníssono. - Tenha certeza que não vemos a hora de usar. – respondi abrindo um largo sorriso.

FIM

Extras

Técnicas de relaxamento

– Samantha. Você nos falou que para fazer a viagem astral de forma controlada, era necessário simplesmente “enganar” nossa consciência, nosso subconsciente, afinal já saímos todas as noites de forma natural durante os sono... É isso?

– Sim, Rafael. Saindo de forma controlada você vai lembrar do que se passou do outro lado. Vai sair e voltar consciente.

– Continue... – pediu Sabrina.

– Para tanto precisamos chegar a um estágio de relaxamento semelhante ao sono comum, mas manter-nos consciente, esta, na realidade é a grande dificuldade, afinal, normalmente dormimos enquanto tentamos... Vou explicar para vocês as mais usuais e de melhores resultados: – falou atenciosamente para ambos.

– Depois de estarmos deitados em algum lugar confortável, desligados em atenção do mundo ao nosso redor, podemos tentar a técnica da “escada”. Para executá-la, vocês precisam simplesmente se imaginar descendo uma escada passo à passo, lentamente, degrau à degrau. A cada passo dado, vocês relaxam um pouco mais. A respiração deverá acompanhar este processo, ou seja, vocês devem relaxar enquanto colocam o ar acumulado dos pulmões para fora. Entenderam?

– Apenas para ver se eu entendi: – iniciou Sabrina. – Como a respiração tem dois ciclos, inspirar e expirar, devo usar o expirar para auxiliar no movimento de relaxamento:

Encho os pulmões de ar, e quando o coloco para fora, relaxo com esse movimento...

– Exato. O relaxamento é fracionado, pouco a pouco, sempre relaxando auxiliado pela imagem criada da “descida”.

– Entendi.

Tanto Rafael quanto Sabrina tentaram essa técnica de relaxamento. Rafael após um tempo abriu os olhos reclamando:

– Não dá. Cada vez que eu desço um degrau, a ideia de “tranco” está presente. Sabe quando desço uma escada e o bater do pé fica pesado por causa do peso do meu corpo?

– Sim. O que tem?

– Não consigo me livrar da ideia da “batida”... isto está me incomodando...

– Hum.. Entendi, mas não se preocupe, vou ensinar para vocês uma outra. Tentem a do “tubo”: O tudo é semelhante a “escada”, pois utiliza o mesmo movimento de “descida” para relaxar. Imaginem-se dentro de um tudo qualquer, escuro, favorecendo o relaxamento, e abaixo de vocês, uma saída, como se fosse uma “luz no fim do túnel”

– todos sorriram com a comparação. – Sintam-se escorregando sem atrito, como se estivessem em um elevador, relaxando conforme vocês descem em direção à saída.

Depois de tentarem, Rafael comentou:

– É. Essa parece melhor, mas é difícil escorregar – parar, escorregar – parar, sucessivamente. Não é?

– Sim. Por isso cada um escolhe a técnica que mais se adapta. A escada tem o problema do “tranco”, já a do túnel, tem o problema das paradas. Para mim a da “pena” é a melhor...

– Como é a da “pena”? – perguntou Sabrina curiosa.

– É assim: Encham os pulmões de ar e imaginem uma pena parada. Depois relaxem imaginando a pena caindo suavemente, ao mesmo tempo em que esvaziam o ar dos pulmões... Encham de novo os pulmões de ar e repetam o processo.

– Nossa Samantha, bem mais fácil! Porque não falou logo de início deste jeito? Sobre a forma de como fazer e o da pena?

– Porque vocês iam ficar nela sem querer tentar as outras. Como deu para perceber, tanto na escada, no túnel e na pena, a ideia é sempre a mesma: Imaginar alguma coisa caindo, descendo sempre, para que vocês possam relaxar acompanhando a descida.

Lia-se facilmente em suas expressões, tanto de Sabrina quanto de Rafael, que seus pensamentos “voavam longe”, mas Samantha tinha certeza que seus amigos entenderam o ensinamento proposto.

– Vocês é que devem escolher a melhor técnica. Se encontrarem alguma dificuldade, ou quiserem inventar uma que melhor se adaptem, fiquem a vontade. – finalizou.

Técnica para carga dos Chakras

– Quando vocês estiverem bem relaxados, vão poder executar uma técnica que conheço para carregar seus Chakras. A técnica não tem nada de especial, mas exige concentração. Mas antes de dizer exatamente o que fazer, preciso falar um pouco sobre ideoplastia. Sabem do que se trata?

– Pelo nome posso dizer que tem alguma ligação com “ideia”, mas o que é exatamente não sei... – respondeu Sabrina pensativa.

Rafael apenas “deu com os ombros”.

– Tudo que nos cerca é energia, seja lá o que for e em qual estado. – pausou Samantha. – Foi falado que quando dormimos, nossa consciência se afasta do corpo, e no primeiro plano, “no mundo dos sonhos”, temos o controle do ambiente. Certo?

– Sim. Isso já entendemos. – falou Rafael respondendo por ambos.

– No plano mental, nós estamos em um ambiente no qual nossa mente cria coisas. Portanto, nosso pensamento é sem dúvida alguma um tipo sutil de energia. Concordam com isso?

– Claro. Sabemos até mesmo por outros canais de estudo, que a mente afeta a matéria, nossos próprios corpos, assim como nós podemos afetar outras pessoas com os nossos pensamentos, como o tal do “mau olhar”. – sorriu.

– Exatamente Sabrina. Bom exemplo. – interrompeu Samantha. – Nossos pensamentos afetam a matéria porque são reais e tem a sua força. A ideoplastia esta alicerçada justamente nisso: Quando mentalizamos algo, aquilo que mentalizamos existe naquele momento. Se imaginarmos uma luz forte sobre a nossa cabeça, essa luz existirá. Se imaginarmos uma rosa em nossas mãos, ela também existirá, e alguma outra consciência, espírito do outro plano, também poderá vê-la.

– Acho que entendi. – falou Rafael animado. – Como o plano astral é composto por energia sutil, a nossa energia mental pode interagir com ele. Daí tudo que criamos,

imaginamos, para quem está no astral é visível. É isso Samantha?

– Sim. Perfeito. A energia mental somada a nossa vontade, faz com que nossos pensamentos, lá no “Plano astral” sejam perceptíveis. É exatamente isso. Mas resumindo: Tudo que imaginamos é real, tanto do “lado de lá” quando do “lado de cá”, isso ficou claro?

– Sim. Ficou. Mas como usaremos a ideoplastia para carregar nossos Chakras? – perguntou Rafael impaciente

– Simplesmente imaginando que os Chakras estão sendo carregados.

– Só isso? – interrompeu Sabrina surpresa.

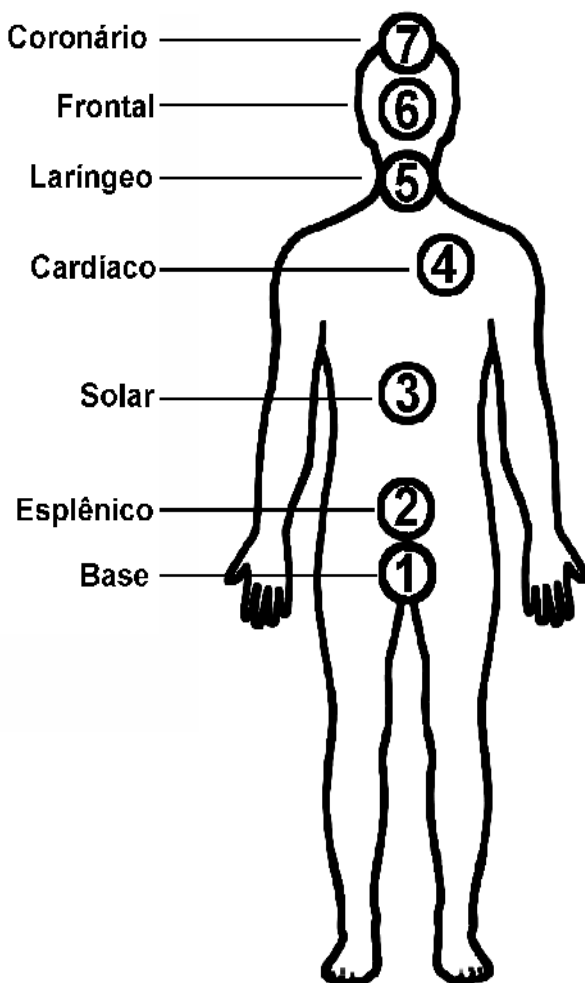
– Nada mais que isso. Sei que parece estranho, mas pensem bem: Se vocês imaginam energias percorrendo seu corpo, suas energias mentais estão afetando as energias sutis que ali se encontram, e fatalmente fazem o que você deseja. Lembra da frase “mente sã num corpo são”^{*}? Vai bem de encontro a esse último exemplo.

– Nossa! E porque você complicou tanto? – perguntou Rafael abismado.

– Porque é dessa forma que funciona. Não adianta só saber fazer, falta “recheio”. Precisam entender “o como” e “o porque”. Tudo bem?

– Sabrina e Rafael concordaram. Como fazer? – perguntou Samantha pra si mesma, pegando o desenho com as posições dos Chakras.

^{*} “Mens sana in corpore sano” – “Mente sã num corpo são” – Frase criada pelo poeta romano Juvenal – fim do século I.



– Estes são os sete principais Chakras. Existem muitos outros. Mas estes que estão no desenho são suficientes para serem manipulados e fazer-se a tão desejada viagem

astral. Vocês vão fazer o seguinte: Primeiro vão imaginar as suas mãos recolhendo energias do pés, arrastando-as para o primeiro Chakra que foi batizado como “base”. – falou apontando para um circulo contendo o numero um. – Vão fazer esse movimento de arrastar umas cinco, seis vezes, ou mais, tanto faz. Um vez feito, vão imaginar arrastando do “base” para o “esplênico” – apontando para o de numero dois. – por outras tanto cinco, seis vezes. Este processo é continuo, do “base” até chegarem no “frontal”. Depois, recomecem do “base” novamente.

– Por isso é tão difícil fazer. Parece que estou contando carneirinhos. Oras. – comentou Rafael.

Todos riram.

– Não posso arrastar direto? Dos pés para o “base”, depois dos pés para o “esplênico”.. depois dos pés para o “solar”, etc... – perguntou Sabrina pensativa.

– Não. Somente o “base” trabalha com energia pura da terra. Os outros Chakras recebem energias transformadas que já passaram pelos inferiores.

– E o que eu faço quando chegar no sétimo? No coronário? – perguntou Rafael curioso.

– O sexto é o último. Quando acabar de carregá-lo, como eu já disse, recomece pelo “base”. O coronário, por receber energias cósmicas, divinas, como eu também já havia dito antes, não deve ser mexido.

– Certo. Sem problemas. Mas por quanto tempo devemos fazer isso?

– Até saírem do corpo.

FIM EXTRAS



Esta Edição:
2 – Vampiros Astrais

Próxima:
3 – Suicidas

Publicação Trimestral
Consulte seu Jornaleiro

Números atrasados:

Entre em contato com a editora e receba, de acordo com a forma de envio desejada, exemplares atrasados ou próximos na comodidade de seu lar.